

Reacender o Dom de Deus na Comunidade



«Reacende o Dom de Deus que há em ti»
2 Tm 1, 6

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Alexandra Fernandes	Sofia Almeida
Ana Rita Londral	Sofia Pinto Machado
Dulce Domingos	Teresa Barata
Hugo Gamboa	
Luísa Pinto	

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Reacender o Dom de Deus na Comunidade

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Domingos de Verão
8	8 Julho - Domingo XIV do T.C.
12	15 Julho - Domingo XV do T.C.
17	22 Julho - Domingo XVI do T.C.
21	29 Julho - Domingo XVII do T.C.
26	5 Agosto - Domingo XVIII do T.C.
30	12 Agosto - Domingo XIX do T.C.
34	15 Agosto - Assunção da Virgem Santa Maria
37	20 Agosto - Domingo XX do T.C.
41	26 Agosto - Domingo XXI do T.C.
45	2 Setembro - Domingo XXII do T.C.
	PARTE II Notas biográficas de Jaime Bonet
50	Introdução
51	Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet
73	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

Reacender o Dom de Deus na Comunidade

Há uns dias, estava num encontro missionário, quando, numa das conversas, se falou muito de *originalidade*; mas não com o significado a que estou acostumada: não como “algo não vantajoso e criativo” mas originalidade como “voltar às origens”.

Creio que este significado de originalidade tem muito a ver com o nosso lema deste ano: REACENDE O DOM DE DEUS QUE HÁ EM TI (2 Tm 1, 6). Volta a recolher, a recuperar, a restituir, a resgatar o dom que há em ti...

O problema está em, se não o reconhecemos, se o esquecemos, se porventura perdemos esse “dom”, como faremos para recuperá-lo? Onde o procurarei? A quem hei-de perguntar?

Não esqueças que não se trata de um dom qualquer, “é o dom de Deus”. E que não está fora de ti, nem a milhares de quilómetros, nem em circunstâncias estranhas, “está no teu seio”, “está em mim”, “está em cada um de nós”. Simplesmente porque Deus nos presenteou com ele.

Será, portanto, em Deus que o poderemos encontrar. Ele deu-no-lo e, sem dúvida alguma - porque é Bom, Generoso e Misericordioso -, a nós o devolverá, com muito gosto e às mãos cheias.

Seguramente, durante este ano letivo, ter-se-ão reacendido muitos dons, ter-se-ão recuperado aquelas brasas que estavam sob as cinzas do esquecimento ou da indiferença, ou terão sido suplantadas pelo cansaço e pela preguiça. Mas talvez a algum de nós não tenha sido possível porque (cada um sabe dos seus porquês)... Não vos preocupeis; nem tudo está perdido, não termina tudo com o ano letivo, temos um verão por diante, umas férias, uns dias com mais sossego, com algum tempo mais, com

mais tranquilidade e, inclusive, com a possibilidade de uns retiros. Também o tempo de verão pode ser para os que se hajam reencontrado com esse dom, pois sempre se pode aprofundar mais, procurar matizes e, sobretudo, descobrir como conservá-lo e como vivê-lo.

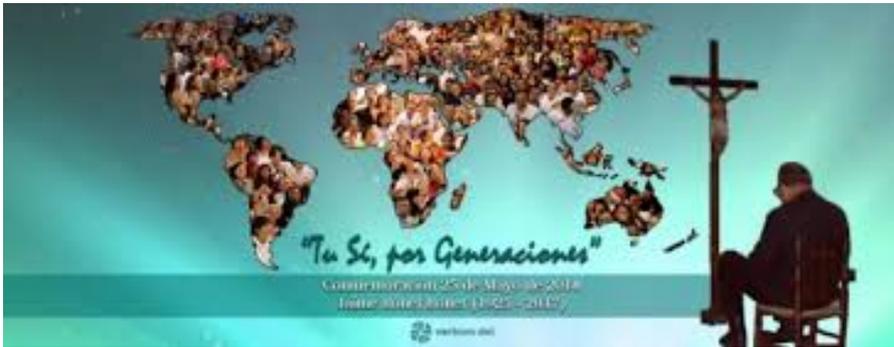
Este verão, pode ser o *tempo favorável*, pode ser, se tu o quiseres, o tempo de que necessitas para voltar a essa origem que um dia viveste, a esse dia em que conheceste o dom de Deus, esse dia em que te sentiste tão distinguido pelo presente do dom de Deus... e, a partir daí, retomá-lo, acolhê-lo, valorizá-lo e reavivá-lo.

É muito importante reconhecer o que Deus nos ofereceu a cada um, que, por outro lado, não é para guardar e fechar à chave num cofre; porque essa, sim, é que é a maneira de perdê-lo, já que é um dom que serve para enriquecer os outros e que, quanto mais se põe em comum, mais cresce. Mas, além disso, devemos descobrir o DOM dado à Igreja e à comunidade a que pertencemos.

Todos aqueles que vivemos e compartilhamos a espiritualidade *Verbum Dei*, sabemos qual o dom do carisma que Deus pôs nas mãos do nosso fundador, Jaime, e que ele, com tanto empenho e vitalidade, não se cansou de transmitir. O dom da comunidade tem de descobrir a sua originalidade nas origens que partem do encontro de Jaime com Deus, da sua experiência de diálogo pessoal com o Senhor, na oração e através da Sua Palavra. Jaime era um enamorado da Palavra de Deus, a Qual era a sua fonte, de onde tirava força, ardor, compromisso, risco. Deus e a Sua Palavra eram os seus companheiros de fadiga, de caminho e de luta contra ventos e marés, em alguns dos seus momentos difíceis.

Introdução

A Palavra de Deus dava sempre a Jaime luz para o caminho, respostas ante a incerteza; era viva e eficaz na sua vida, era a riqueza que queria compartilhar, a alegria do seu coração, era o seu refúgio e escudo, a rocha onde assentava a sua vocação e a que lhe fornecia as asas para querer chegar a muitos, nos cinco continentes.



A Palavra de Deus, Jaime viveu-A pessoalmente e passava com Ela largos períodos ao amanhecer, quando o silêncio o deixava horas “a sós” com Deus; mas essa mesma Palavra impelia-o e obrigava-o a propagá-La aos demais. E assim no-La transmitiu e assim nos contagiou o nosso carisma: A Fraternidade *Verbum Dei*, com o lema dos primeiros discípulos de Jesus, “Oração e Ministério da Palavra”, e o espírito da primeira comunidade cristã, concretiza e centra a sua missão específica na Palavra de Deus: Orar a Palavra, assimilando-A até fazê-La vida própria, transformando-nos Nela e ensinando-A assim aos demais, para que A orem, A vivam e A ensinem vivencialmente a outros (Constituições VD 17).

A Palavra de Deus, crida e falada, e que ao crer-se não pode deixar de falar-se, constitui a genuína identidade *Verbum Dei* (Constituições VD 22). Este é o dom comunitário com que Deus nos presenteou e é ele que, com toda força e profundidade, temos de recuperar (se o tivermos perdido), e reafirmar e aprofundar para vivê-lo mais e melhor.

parte I **Domingos de Verão**

Eu existo!

Ez 2,2-5 «Naqueles dias, o Espírito entrou em mim e fez-me levantar. Ouvi, então, Alguém que me dizia: “Filho do homem, Eu te envio aos filhos de Israel, a um povo rebelde que se revoltou contra Mim. Eles e seus pais ofenderam-Me até ao dia de hoje. É a esses filhos de cabeça dura e coração obstinado que te envio, para lhes dizeres: ‘Eis o que diz o Senhor’. Podem escutar-te ou não – porque são uma casa de rebeldes – mas saberão que há um profeta no meio deles”.»
(Ez 2, 2-5)



amor do Senhor, de facto, salva-nos!

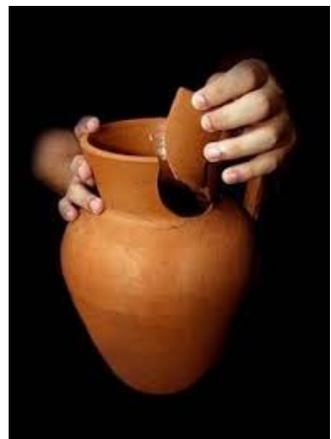
Salva-nos, em primeiro lugar, porque permanece, apesar das nossas constantes infidelidades...

Salva-nos porque se reinventa e vai atuando na história da Humanidade sob diversas formas...

Salva-nos porque a Sua “teimosia amorosa” nunca desiste de vencer as nossas “ofensas”, a nossa cabeça dura, o nosso “coração obstinado” e “rebelde”...

Senhor, agradeço a Tua subtileza... Como nos diz a leitura, o Espírito não se impõe mas faz-me levantar e faz levantar tantos homens e mulheres no mundo com a consciência de que cada dia é uma oportunidade para Te seguir e ser Teu rosto, qualquer que seja o cenário de vida, qualquer que seja o lugar. “Levantar” tem também em si esse significado: erguer de forma consciente a mensagem de Deus, apresentando-a ao Mundo!

De facto, o Senhor não convida cada cristão a algo pouco claro, sem missão atribuída. Muito pelo contrário! A missão de cada cristão é fazer-se “vaso de barro” como nos diz S. Paulo. É sermos transportadores e, ainda que frágeis e imperfeitos, é-nos confiada a maior das missões – levar Deus aos outros e a vivermos em relação com Ele de forma integral, com o nosso “belo” e o nosso “feio”. Os frutos desta missão que nos é confiada começam exatamente por ser para o próprio!



A relação com Deus muda a vida porque Ihe dá um sentido mais profundo e o ser humano é feito para isso.

Vivemos um tempo da história cuja informação está tão facilmente disponível que seria razoavelmente, igualmente fácil, concluir cientificamente a importância de procurarmos um sentido para o que somos e no fazemos. No entanto, não é menos verdade de que hoje a dispersão é enorme (seja pelos *gadgets* que nos circundam, seja pelo ritmo frenético que levamos...). Como tal, vivemos muitas vezes “à superfície”, numa “sobrevivência” marcada pela inconsciência de “Como estou?” e “O que quero realmente viver?”.

“Transportamos aos outros” o Senhor e concretizarmos com a nossa vida aquilo que acreditamos serem as Suas intuições é, em grande medida, um processo de contágio. Por isso é tão importante assegurar um contágio positivo! Como tal, quando os “frutos do Senhor” aparecem nos corações daqueles que O seguem, serão esses frutos que deixarão “rasto” e vontade de que outros experimentem também construir uma relação íntima com Deus. Pelo contrário, se contagiarmos os outros com a nossa “sobrevivência”, o nosso “Eu” mais superficial, tenderemos a que outros vivam de igual modo criando-se uma “massa humana” que dá uma forma pobre, triste, um “sabor insosso” ao Mundo...

Neste tempo de férias para muitos, o convite lançado é que seja também um tempo de paragem mas uma “paragem permanentemente acompanhada” pelo Senhor. Como nos diz Ezequiel, que a nossa presença (consciente da missão que nos é confiada) permita que outros saibam “que há um profeta no meio deles”. Que assim seja, onde quer que estejamos!

Bom tempo de férias!

Cada um tem a sua forma personalizada de dizer: "eu existo". E há que ter cuidado porque, por vezes, dizemo-lo de modo pouco aprofundado e acabamos a manifestar, antes, as nossas carências, os nossos limites, a nossa imaturidade, a nossa sombra. Então, em vez de dizermos o que somos em profundidade, dizemos o que somos à superfície. E aí não somos nós que falamos, é o nosso 'eu imaturo', é o nosso 'falso eu' que fala por nós. Isto exige de nós uma atenção permanente: sempre que eu diga "eu existo" que seja a partir de um eu cada vez mais profundo.

(Ver para além do olhar@facebook, João Delicado)



Pelo Batismo Todos Somos Sacerdotes!

Am 7,12-15 «Naquele tempo, Jesus chamou os doze

Apóstolos e começou a enviá-los dois a dois. Deu-lhes poder sobre os espíritos impuros e ordenou-lhes que nada levassem para o

Ef 1,3-14 caminho, a não ser o bastão: nem pão, nem alforje, nem dinheiro; que fossem calçados

Mc 6,7-13 com sandálias, e não levassem duas túnicas. Disse-lhes também: “Quando entrardes em alguma casa, ficai nela até partirdes dali. E se

não fordes recebidos em alguma localidade, se os habitantes não vos ouvirem, ao sair de lá, sacudi o pó dos vossos pés como testemunho contra eles”. Os Apóstolos partiram e pregaram o arrependimento, expulsaram muitos demónios, ungeram com óleo muitos doentes e curaram-nos.»

(Mc 6,7-13)





vivemos tão adiados. Escrevo este caderno na Primavera e demoro-me em tantos pensamentos sobre o que irei fazer nas férias, sobre como irá correr o próximo ano. Como se fosse um ano de trabalho a sonhar com o Verão e com a maneira de aproveitar as férias ao máximo. Tenho experimentado, nos últimos anos, que aproveitar ao máximo (ou seja, fazer o maior número de atividades no menor tempo possível) é, na maioria das vezes, não aproveitar nada. Muito pode significar pouco ou nada!

Jesus convida-nos nesta leitura a um despojamento necessário à vida cristã. Primeiro porque este despojamento nos permite centrarmo-nos no presente e não em pensamentos parasitas sobre os problemas e dificuldades que enfrentaremos no futuro. Depois porque o partir com pouco, tal como Jesus envia os seus Apóstolos, torna a caminhada mais leve, mais focada na vocação, na missão. Porque ser cristão é saber viver o presente de uma forma que nos distingue, que chama a atenção de quem passa, que transmite uma diferença em relação aos demais, que por si só nos auferem uma credibilidade, um reconhecimento de que vivemos e praticamos o Evangelho.

Cada palavra rezada na oração diária é certamente enraizada num contexto passado, mas faz-se história vivida hoje. Cada palavra de Deus abre as nossas vidas ao presente. Em Lc 4, 21 Jesus diz-nos: “(...) *Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir. (...)*”. Este envio dos Apóstolos no Evangelho deste domingo, que não é mais do que a continuação da missão de Jesus, tem um tempo de execução presente. Jesus não fala para partirem após a sua morte e ressurreição ou para quando os Apóstolos se sentirem melhor preparados, mas para o “hoje”. Gostava de todos os dias me deitar e rezar em consciência: “*cumpriu-se hoje esta passagem*”. Fui enviado e disse sim. Hoje cumpri a minha vocação de batizado, de casado, de pai.

Jaime, fundador da Verbum Dei, dizia que pelo batismo todos somos sacerdotes. Gostaria de acrescentar que somos os ungidos de Deus, aqueles que têm o tal sinal que os distingue dos demais. Este sinal não é vivido numa aldeia remota da Galileia onde esperamos iniciar a nossa pregação. É vivido no trabalho, na família, com os amigos e desconhecidos, em Lisboa, ou qualquer outro lugar onde o Espírito nos levar. O outro lado deste sentimento é quando nos predispomos a ser esmagados pelas circunstâncias, a viver uma vocação que não é a nossa, a ser o que não somos.

Ave, Christus!

*Deixai, deixai passar o homem forte,
O ungido do Senhor;
Se a cruz que arrasta agora é cruz de morte
Também é cruz de amor!*

*Deixai! Na praça o povo aglomerado
Vomita a injúria ali;
E ele, sereno o rosto e resignado,
Olha o Céu, e sorri.*

*Sorri... não pelo riso de desprezo
Que ao passar pelo lábio perde o encanto,
Mas riso que transluz por entre o pranto
Ao que da cruz de amor arrasta o peso.*

*Sorri... Que mais importa ao homem forte
O desprezo ou louvor,
Se da estrela seguiu, que foi seu norte,
O mágico maior?
Tem dentro, como em erguida fortaleza,
A fé, voz que lhe vai bradando — «Avante!
É teu prémio o opróbrio do ignorante,
De tal morte morrer, tua grandeza! — »*

*E diz, vendo a consciência onde serena
Lê a imagem de Deus,
E do futuro vendo a praia amena:
— «Posso subir aos Céus!
Posso agora, depondo em terra o peso
Da missão dolorosa d'esta vida,
Buscar a pátria minha prometida,
D'onde o divino amor transluz aceso. — »*

*Ai pode! Herói, e mártir, deixa a terra,
Que é cumprida a missão:
O Mundo o teu preceito guarda e encerra
Na mente e coração...
Morres tu; mas a ideia que deixaste
Não morre, como a luz em fim do dia,
Nem o fogo do Céu que em ti ardia,
Nem o exemplo sublime, que legaste!*

*Oh, mártir! Cada lágrima chovida
N'essa senda de dor,
Conquista mais um espirito p'ra vida,
Para a luz do Senhor;
E um dia (e talvez cedo venha o dia)
De cada dor que ali te curva agora,
Nascerá qual da noite nasce a aurora
Um mundo de verdade e de harmonia!*

.....

*Deixai, deixai passar o homem forte,
O ungido do Senhor;
Se a cruz que arrasta agora é cruz de morte,
Também é cruz de amor!*

(Raios de Extinta Luz, Antero de Quental)

Ovelhas com pastor

Jr 23,1-6 «Naquele tempo, os Apóstolos vieram reunir-se junto de Jesus e contaram-Lhe tudo quanto haviam feito e ensinado. Disse-lhes então Jesus: “Vinde, em particular, para um sítio isolado e descansai um pouco.” Na verdade, os que chegavam e partiam eram tantos que eles nem tinham tempo de comer. Retiraram-se, pois, no barco, em particular, para um sítio isolado. Viram-nos, contudo, afastar-se, e muitos compreenderam. Então, de todas as cidades, acorreram a pé ao local e chegaram primeiro que eles. Ao desembarcar, Jesus viu grande multidão. Encheu-Se de compaixão por aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor. E começou a instruí-los demoradamente.»

(Mc 6, 30-34)

Nos dias em que vos escrevo estas pistas, meus amigos, ando tão perdido como a multidão que ocorreu a pé ao local para onde os Apóstolos se retiravam para descansar. Para descansar do trabalho de Evangelização!

Os 12 vinham muito entusiasmados e cheios de vontade de partilhar tudo o que tinha acontecido, mas Jesus... viu que era importante afastarem-se e descansar. Às vezes damos pouco valor ao descanso, como se fosse um tempo inútil. Do mesmo modo, damos pouco valor ao nosso dia, a tudo o que fizemos. Talvez nos falte dar mais significado a coisas que tomamos como garantidas ou óbvias, sejam recebidas ou dadas, desde ter comida no prato a trabalhar e educar os filhos. “Todos temos vocação. A nossa vida é vocação”, dizia-nos a missionária Ventura numa pista. Talvez me falte esta perspectiva de encarar a minha vida como vocação, para que o significado de cada instante surja de uma forma mais natural.

A multidão queria chegar perto dos Apóstolos, que via tão entusiasmados, queria chegar até Jesus, de quem ouvira falar. Mas nem sabiam bem o que procuravam, ao que iam, a quem iam. Ovelhas sem pastor vão andando por onde vai havendo alguma coisa para comer, sem um rumo, dispersando-se, tornando-se mais vulneráveis. E é tão fácil vaguear pelo mundo à procura daquilo que parece ser um bom alimento; e é tão fácil perdermo-nos perante a injustiça e desigualdade que são comuns em empresas, instituições e no próprio país; e é tão desesperantemente fácil sentirmo-nos perdidos na educação dos filhos, sobretudo quando chegam à adolescência...

Jesus encheu-se de compaixão por nós, ovelhas sem pastor, que nos aproximamos dele, por vezes tão perdidos que nem sabemos o que lhe pedir, dizer, rezar... Apesar da ideia de se retirarem para descansar ter sido Sua, aproximou-se da multidão e começou a

ensiná-los demoradamente. Não se contentou em dizer meia dúzia de palavrinhas – que seriam certamente santas e importantes para quem as ouvisse –, mas demorou-se. Há muitas vezes pequenos detalhes na Palavra de Deus que fazem toda a diferença, e que nos interpelam de maneira diferente de cada vez que a lemos e oramos. Num mundo onde tudo é quase instantâneo e para ontem, Jesus dá o Seu tempo. E nós, em que é que nos demoramos? E em que é que nos devíamos demorar? Ou, até, precisamos mesmo de nos demorar? Concretamente, que tempo tenho dado à minha esposa (marido, namorada...)? E aos meus filhos? E aos meus irmãos, pais, avós, sobrinhos...

Por outro lado, o que precisamos que Jesus nos ensine demoradamente? Teremos de Lhe dar espaço e tempo para isso, para que a Sua Palavra nos habite e constitua.

Jesus não procura a eficiência, a produtividade, os resultados. Quer ensinar-nos a ser felizes, guiar-nos para o amor do Pai. Porque, por muito perdidas e dispersas que se encontrem, as ovelhas reconhecem sempre a voz do seu pastor.



“(...) sejam bem-vindos à Terra da Abundância. (...) Em que só falta uma coisa: um motivo para nos levantarmos da cama todas as manhãs. (...) Precisamente quando devíamos assumir a missão histórica de dar sentido a esta existência opulenta, segura e saudável – pelo contrário, enterrámos a utopia. (...)

Mas a verdadeira crise dos nossos tempos, (...) não é não termos uma vida fácil, ou até que a vida possa ficar mais difícil mais tarde.

A verdadeira crise é não nos ocorrer nada melhor.

(...) em jeito de conclusão, gostaria de dar mais dois conselhos a todos aqueles que estão prontos a pôr em prática as ideias (...) primeiro: ter consciência de que há mais gente por aí como nós. Muita, muita gente. (...) A maioria das pessoas tem mesmo o coração no lugar certo.

O meu segundo conselho é ignorar as críticas. Não deixe que ninguém lhe diga como são as coisas. Se queremos mudar o mundo, precisamos de ser irrealistas, irracionais e impossíveis. Lembre-se: aqueles que defenderam a abolição da escravatura, o sufrágio das mulheres, (...) também foram apelidados de lunáticos. Até a história provar que tinham razão.”

(Rutger Bregman, “Utopia para Realistas”)

Neste Verão, reacende o dom da Missão!

2 Rs 4,42-44 «Naqueles dias, veio um homem da povoação

SI 144 (145) de Baal-Salisa e trouxe a Eliseu, o homem de Deus, pão feito com os primeiros frutos da colheita. Eram vinte pães de cevada e um

Ef 4,1-6 saco de trigo novo em grão. Eliseu deu estas ordens: “Dá-os a comer a toda essa gente.”

Jo 6,1-15 Mas o criado respondeu-lhe: “Como posso dar isto a cem pessoas?” Eliseu replicou:

“Dá-os a comer a toda essa gente, pois o Senhor afirmou: “Comerão e ainda sobrá.” Serviu-lhos então, e eles comeram; e ainda sobejou, segundo a palavra do Senhor.» (2 Rs 4, 42-44)

«Meus irmãos: Eu, que estou na prisão pela causa do Senhor, recomendo-vos que vos comporteis segundo a maneira de viver a que fostes chamados: Procedei com toda a humildade, mansidão e paciência. Suportai-vos uns aos outros com caridade. Empenhai-vos em manter a unidade de espírito, pela paz, que a todos mantém unidos. Há um só corpo e um só Espírito, como existe uma só esperança na vida a que fostes chamados. Há um único Senhor, uma única fé, um único baptismo. Há um só Deus e pai de todos, que está acima de todos, actua em todos e em todos se encontra.» (Ef 4, 1-6)

«(...) então Jesus tomou os pães, deu graças e distribui-os aos convivas. E fez o mesmo com os peixes, tanto quanto eles quiseram. Quando ficaram saciados, Jesus disse aos discípulos: “Recolhei os restos que sobraram, para que nada se perca”.» (Jo 6, 11-12)



brigada Senhor por mais este momento contigo.

Olhando para trás, não só para a minha vida, mas para tudo o que está à minha volta, vejo que é o conjunto destes “pequenos grandes” encontros contigo - que constroem a nossa história, que nos fazem caminhar juntos - que dão sentido à vida e à missão a que me convidas.

Por isso, ajuda-me a saber aproveitar este momento, tornando mais consciente em mim a sua importância vital, a repercussão que pode ter hoje e para sempre... E, ao mesmo tempo, poder saborear a graça da tua presença e do teu amor.

Hoje, com a Palavra que me diriges, senti-me tocada nos seguintes pontos:

1) Testemunho de Paulo

Imaginar Paulo na prisão; em seguida, ler a carta que escreve aos irmãos na fé!

2) É Deus / Jesus quem sacia as nossas fomes (e sedes)

Poder experimentá-lo!

3) Através de nós, podemos saciar os outros

Somos convidados, chamados... É a nossa missão!

Começando pelo testemunho de Paulo...

Comecei por imaginar como será estar na prisão – experimentar o desconforto físico, o sofrimento psicológico da falta de liberdade, da insegurança vivida em cada instante, a incerteza do que irá acontecer, o medo...

Quando leio a carta que Paulo escreve, parece não bater certo com as circunstâncias em que Paulo se encontra... e isso interpela-me.

Em primeiro lugar, o carinho com que trata os irmãos na fé, a preocupação genuína, os conselhos para viverem segundo os ensinamentos de Jesus.

Sinto que, através de Paulo, é Jesus quem fala, não só para os Efésios, mas para o próprio Paulo, para mim, para ti, para todos...

Quais são as palavras chave? Humildade, Mansidão, Paciência, Caridade, Unidade, Paz, Espírito, Esperança, Vida, Fé, Batismo, Deus, Pai, Todos.

É uma mensagem ao mesmo tempo tão bonita, tão rica, tão intensa, tão profunda...

É um convite cheio de vida e para a vida...

E não é isto que todos nós ansiamos, andamos à procura? Não são estas as nossas fomes e sedes mais profundas?

Na leitura do Livro dos Reis e no Evangelho de São João, encontramos duas situações parecidas: pessoas com fome e que são “alimentadas” por Deus / Jesus, através de indivíduos concretos (Eliseu, discípulos); ficam totalmente saciadas, e ainda sobram alimentos...

De que ando à procura, esfomeado(a), sedento(a) pelo mundo?

Onde vou à procura de “comida”? O que faço?

Estou atento(a) no quotidiano aos sinais de Deus na minha vida? Situações? Pessoas concretas?

Estou disponível para receber o alimento que Jesus tem para me dar?

Que abundância é esta que chega e sobra para todos?

Neste momento de paragem, convido a fazer memória de uma experiência assim que já tenha vivido e agradecer...

Outro ponto importante para a oração é sentir que cada um de nós é chamado a colaborar na obra de Deus, a continuar a missão de Jesus. Se estamos “cheios, saciados” vamos transbordar alimento para outros à nossa volta, que morrem de fome e de sede.

Jesus conta comigo, como sou, com aquilo que tenho e que vivo. É só isso que ele precisa, que eu me disponha...

Como posso viver esta missão?

Que fomes eu encontro nos outros, no mundo? Que “pães” posso partilhar? Como vou fazer?

Ajuda-me, Pai, neste Verão, a reacender este dom da missão, do testemunho, da partilha de vida, de amor, que se concretiza em obras, para que haja abundância dos teus dons em todo o lado e para sempre... Ámen.



“Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”

77. “Fome e sede” são experiências muito intensas, porque correspondem a necessidades primárias e têm que ver com o instinto de sobrevivência. Há pessoas que, com esta mesma intensidade, aspiram pela justiça e buscam-na com um desejo assim forte. Jesus diz que elas serão saciadas, porque a justiça, mais cedo ou mais tarde, chega, e nós podemos colaborar para o tornar possível, embora nem sempre vejamos os resultados deste compromisso.

79. Esta justiça começa por se tornar realidade na vida de cada um, sendo justo nas próprias decisões, e depois manifesta-se na busca de justiça para os pobres e vulneráveis. É verdade que a palavra “justiça” pode ser sinónimo de fidelidade à vontade de Deus com toda a nossa vida, mas, se lhe dermos um sentido muito geral, esquecemo-nos que se manifesta especialmente na justiça com os inermes: “Procurai o que é justo, socorrei os oprimidos, fazei justiça aos órfãos, defendei as viúvas” (Is 1,17).

Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade.

(Papa Francisco, “Alegrai-vos e Exultai”
Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*
sobre o chamamento à santidade no mundo atual)

Tempo para Esperar e Acreditar!

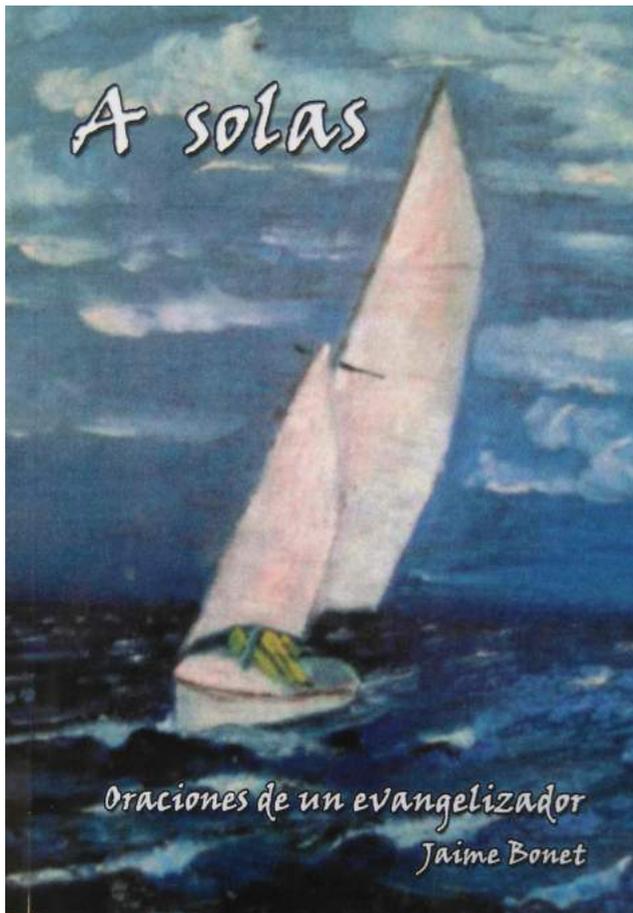
- Ex 16, 2-4.12-15 «Naqueles dias, toda a comunidade dos filhos de Israel começou a murmurar no deserto contra Moisés e Aarão. Disseram-lhes os filhos de Israel: “Antes tivéssemos morrido às mãos do Senhor na terra do Egito, quando estávamos sentados ao pé das panelas de carne e comíamos pão até nos saciarmos. Trouxestes-nos a este deserto, para deixar morrer à fome toda esta multidão”. Então o Senhor disse a Moisés: “Vou fazer que chova para vós pão do céu. O povo sairá para apanhar a quantidade necessária para cada dia. Vou assim pô-lo à prova, para ver se segue ou não a minha lei. Eu ouvi as murmurações dos filhos de Israel. Vai dizer-lhes: ‘Ao cair da noite comereis carne e de manhã saciar-vos-eis de pão. Então reconhecereis que Eu sou o Senhor, vosso Deus’”. Nessa tarde apareceram codornizes, que cobriram o acampamento, e na manhã seguinte havia uma camada de orvalho em volta do acampamento. Quando essa camada de orvalho se evaporou, apareceu à superfície do deserto uma substância granulosa, fina como a geada sobre a terra. Quando a viram, os filhos de Israel perguntaram uns aos outros: “Man-hu?”, quer dizer: “Que é isto?”, pois não sabiam o que era. Disse-lhes então Moisés: “É o pão que o Senhor vos dá em alimento”.»
- (Ex 16, 2-4. 12-15)



povo de Deus, após sair do cativeiro do Egito, começa a questionar se valeu a pena, se não estariam melhores na servidão da escravatura do que na incerteza da liberdade. É uma dúvida que me assalta diariamente, se não seria melhor o conforto de uma vida pela metade, insípida, ou se, pelo contrário, deveria arriscar mais nas minhas relações, na minha entrega aos outros. É uma dúvida que nos assalta quando não somos felizes no emprego, mas também não temos coragem de mudar; quando não somos felizes numa relação amorosa, mas também temos medo de ficar sozinhos; quando tomamos consciência de que somos chamados a uma entrega maior, mas decidimos ficar *“ao pé das panelas da carne”*.

Deus fez-nos livres e esse livre arbítrio tem o preço da incerteza, porque liberdade é também vontade. Na liberdade de Deus estamos expostos a toda a espécie de perigos. Quando observamos a vida dos consagrados da nossa Igreja, a vida dos nossos Santos, apercebemo-nos de que esta experiência de deserto, de dar um passo no vazio esteve sempre presente. Para trás fica, muitas vezes, o conforto de uma vida pacata, as expectativas da família, alguns sonhos. Porque o deserto tem esta particularidade de despertar a sede, a desolação. O verdadeiro deserto é, segundo Jaime Bonet, *“o despojamento de tudo e de todos menos de Deus”*. É por esta razão que este Povo saído do Egito anda quarenta anos no deserto até alcançar a terra prometida. Embora se possa tratar de um número simbólico, foi sem dúvida um tempo de amadurecimento da relação com Deus. Quase todos os profetas, e posteriormente Jesus, sentiram esta necessidade de Deserto para uma aproximação com Deus; porque Ele é aquele que nos desconstrói para que possamos renascer para uma vida nova.

Senhor, ajuda-me também a mim a sentir esta sede que me desinstala, me obriga a uma procura maior. A encontrar a desolação e o verdadeiro consolo em Ti. Quero experimentar este deserto, a aridez, mas ao mesmo tempo a certeza de estar cara a cara com o que é verdadeiramente essencial na minha vida. É este o convite que me fazes hoje.



Livro de Jaime Bonet "A Sós, Orações de um Evangelizador"

“Talvez a sede e a desolação sejam os momentos em que mais nos aproximamos do Senhor e que nos situamos mais em contacto com Ele. Os sentidos não percebem nem detetam nada. É melhor. O natural, o humano, a matéria não é o meio mais adequado para o sobrenatural, o divino, o espiritual. A firmeza do nosso fundamento sobrenatural não está nos sentidos, por si tão variáveis e inconstantes. A rocha firme está na palavra de Deus: “As minhas palavras não passarão” (Mt 24, 35), ainda que passem o céu e a terra...(…). “Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ti nunca mais será abalado” (Is 54, 10). Para quem crê em Deus é até conveniente e vantajoso que se desmoronem os montes e sucumbam nos vales as colinas, que o céu se rasgue e a terra se divida, para experimentar a Verdade da palavra do Senhor e não aspirar ao que não é aspirável, sem nos apoiarmos em nada, sem procurar o que não existe. Sair de nós mesmos e libertarmo-nos da mentira e do engano. Somente a pessoa que vive da fé é livre. Quem não vive da fé é um escravo, mete-se num beco sem saída e cai numa total frustração da vida, que termina traumatizada.”

(A Sós, Orações de um Evangelizador, Jaime Bonet, nº 14,
Sede e Desolação)

Imitadores de Deus

1 Rs 19,4-8 «Irmãos: Não contristeis o Espírito Santo de Deus, que vos assinalou para o dia da redenção. Seja eliminado do meio de vós tudo o que é azedume, irritação, cólera, insulto, maledicência e toda a espécie de maldade. Sede bondosos e compassivos uns para com os outros e perdoai-vos mutuamente, como Deus também vos perdoou em Cristo. Sede imitadores de Deus, como filhos muito amados. Caminhai na caridade, a exemplo de Cristo, que nos amou e Se entregou por nós, oferecendo-Se como vítima agradável a Deus.»
(Ef 4, 30 – 5, 2)





comecei por tentar rezar estas pistas, partindo do meu “ponto de partida” do verão em que elas vão ser rezadas: e o meu ponto de partida não é lá muito bom, confesso!... Eu, no verão, em férias, rezo pouco: entre praia, campo, família e poucos dias de férias, dou pouco tempo à minha oração!... Como posso mudar este paradigma?... Andava eu às voltas com esta questão, quando a vida, a minha, me trocou um pouco as voltas. O meu filho mais velho teve uma atitude feia para connosco, pais, daquelas mesmo feias, que nós pensamos que nunca vai acontecer, muito menos connosco. E isso mudou toda a minha oração e comecei a rezar o perdão. E esta frase: *“Sede bondosos e compassivos uns para com os outros e perdoai-vos mutuamente, como Deus também vos perdoou em Cristo. Sede imitadores de Deus, como filhos muito amados.”*

Como perdoamos quem nos ofende?... Realmente, é difícil perdoar, dar o devido “desconto” quando os outros não são como queremos, não agem como gostaríamos, nem mostram o seu amor por nós como achamos que deviam ou temos direito. É difícil esquecer as palavras que nos feriram... Como perdoas quem Te ofende, Senhor?

E, por incrível que pareça, a resposta que sempre me surge – ainda agora enquanto escrevo estas pistas – é: amando mais. Recomeçando no dia seguinte. Olho para Jesus e vejo que Ele continuou a amar quem O ofendeu. Amou, com a mesma medida, apesar da ofensa. Esta é a Sua medida e aquela que nos convida a usar: em nós e nos outros.

Perdoar exige o melhor de nós próprios: a capacidade de abrir o coração à perspectiva do outro, aos seus anseios, às suas próprias frustrações, sem julgar, resistindo à vontade que tantas vezes temos de pagar da mesma moeda. E este estender de mão e de coração é, às vezes, tão difícil! Tão custoso, porque temos de deixar

o nosso “papel” de ofendidos para aceitar que outro nos atingiu no nosso coração, na nossa essência... somos frágeis, como ele!

Ouvi, há bastante tempo, numa homilia da missa das crianças o Sr. Padre dizer que na família é onde mais temos de praticar o perdão. Ou, como dizia alguém numas pistas do caderno de oração do Advento, guardamos o pior de nós para os que nos são mais queridos, quando devíamos fazer precisamente o contrário! E é tão verdade!

Saber acolher a fragilidade do outro, que nos ofendeu, tem de ser praticado todos os dias, a começar nas famílias. Na nossa família. À nossa volta.

Jesus soube acolher a fragilidade de cada um que O ofendeu. Jesus sabe acolher a fragilidade de cada um de nós que hoje O ofende. E sabe estender-nos a mão, para que consigamos recomeçar. E recomeçar, permitindo que o outro faça caminho, não construindo muros para que ele nunca mais me atinja. E permite que eu recomece, “corrija a rota”, faça caminho, quando sou eu quem O ofende.

Quantas vezes, perante uma ofensa, somos os primeiros a construir os muros para que tal não se repita?

Ensina-nos Senhor, a medida do Teu perdão! Que saibamos sair do deserto onde às vezes vamos parar, a este mundo de “*azedume, irritação, cólera, insulto, maledicência e toda a espécie de maldade*” que, por vezes, nos rodeia e nos invade devagarinho, e que sejamos capazes de acolher e amar à Tua medida. Que sejamos, Senhor, verdadeiros “*imitadores de Deus*”.

(...) O que o Senhor repete é: «Lembra-te do perdão!» É como perdoados e perdoadores que somos chamados a viver. O perdão é um «jugo suave». Ocupemo-nos, sim, em desenvolver as potencialidades que o perdão esconde. Mesmo se somos fruto de uma formação que acentua muito o peso do pecado, parece-me que a grande conversão é passar a sublinhar a luz do perdão de Deus na nossa vida.

Há aquela história dos dois monges que, ao começarem a travessia de um riacho, encontram uma mulher que lhes pede que, um deles, a carregue às costas. Era um pedido de todo inesperado e que contrariava a regra deles. Mas lá o mais novo se inclinou e levou a mulher à outra margem. A mulher agradeceu muito e os monges partiram para o seu destino. O monge mais velho, porém, passou todo o caminho a reprimir o mais novo: «Que loucura», «o que foste fazer!», «sabes a nossa regra...». Até que este, não podendo mais suportar, lhe respondeu: «Olha que eu transportei a mulher entre as margens do riacho e deixei-a. Tu, porém, transportaste-a até aqui».

Partir da nossa condição de perdoados... Não há dúvida que compreender isto é colocar-se na escola do Evangelho. Quando vivemos no perdão, começamos verdadeiramente a fazer caminho no conhecimento de Deus e no seguimento de Jesus. Não de forma abstrata, mas concreta e assumida. O perdão abre portas dentro de nós. E então desistimos de carregar os pesos de ontem, para descobrirmos as asas do hoje (...).

(José Tolentino Mendonça
In "Pai-nosso que estais na Terra"
Publicado em 12.11.2015 – snpcultura.org)

“Eleva-nos até ao alto, Mãe!”

Ap 11,19a;
12,1-6a.10ab

Sl 44 (45)

1 Cor 15,20-27

Lc 1,39-56

«Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que

venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor.”

Maria disse, então: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas. Santo é o seu nome. A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. Manifestou o poder do seu braço dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias. Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre.” Maria ficou com Isabel cerca de três meses. Depois regressou a sua casa.»

(Lc 1,39-56)

**Pistas de Jaime Bonet
no dia da Assunção da Virgem Santa Maria
no Retiro de 1981, pregado aos responsáveis
da Fraternidade Missionária Verbum Dei**

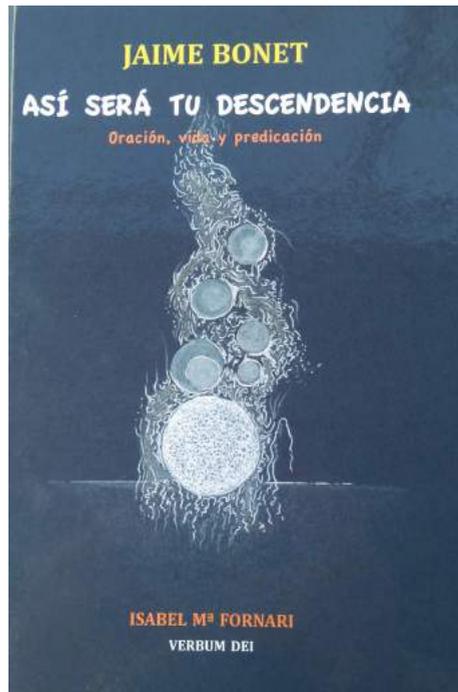
“A Assunção. Até ao alto, Mãe! Tu chamas o olhar da alma para as alturas. Eleva-lo mais e mais para o alto. Arrancas-nos do pó da terra, do caminho estreito, lamacento, mesquinho, onde o homem velho chapinha e se enlameia: quatro invejas mais ou menos escondidas, ou já derrotadas, meia dúzia de mal entendidos, mais três desavenças e duas tensões - com a corda já esticada, mas sem querer vergar nem ceder -, completam o caminho. E nada disto é adiado pela Tua presença, antes avançamos com a nossa pretensão de recuperar o tempo perdido: “a fama”, um pouco atropelada, “a honra”, que ficou mal parada, e o “parecer bem” diante de todos, que se sentiu humilhado, amolgado como um prato de lata barato ou como um adorno falso. A nossa situação é tão baixa, tão vil e tão rasteira - quando não tentamos superar a carne, o homem velho, com os seus feitos alcançados, que começam com a soberba e enchem o cesto de fruta rançosa, manuseada por todos nos mercados dos filhos de Adão!

Eleva-nos até ao alto, Mãe! Prende o nosso olhar, volta para Ti o nosso rosto que duvida, atordoado pelo golpear incessante da intriga caseira e egoísta. Eleva-nos, e aos que nos rodeiam, contigo, para que o nosso olhar não fique fechado em nós mesmos, debicando-nos uns aos outros, como aves numa capoeira, por um grão de milho. Perdoa, Mãe, a ladainha lamuriante e queixosa dos teus filhos enfermiços, meio anémicos e desnutridos, quando vagueamos como órfãos longe de Ti. Conduz-nos hoje ao plano para onde foste levada, não para ficar sozinha, mas para te veres acompanhada por todos nós. Não só pelos anjos e santos, mas por todos os filhos que também, daqui de baixo, formamos a tua casa para que, com os olhos postos em Ti e com o coração junto ao Teu, nos vamos recuperando e elevando.

Sem esquecer a nossa realidade de pecadores, amassada no egoísmo e no pecado, assaltada por todos os vícios e inclinações do homem velho, queremos hoje subir até Ti; aí, onde Tu nos olhas e nos convidas pelos dos laços da maternidade, que acompanha a nossa difícil gestação. Podíamos facilitar-Te o tão esperado nascimento da Vida, da Tua Vida. É urgente deixar a minha antiga raça, de sangue vil, deveras corrompida, tóxica e, às vezes, contagiosa! Tu, Mãe, mais do que cada um de nós e do que todos nós juntos, conhece-nos e, conhecendo-nos, viras para nós o teu coração. Só Tu és capaz de curar o ambiente, de mudar a atmosfera.

Vamos hoje aproximarmo-nos da casa para onde nos elevas, nos transcendes e superas. Colocaste-Te acima de todas as misérias que nos inundam e corrompem, porque transpuseste o túmulo, sem que a corrupção de aproximasse. E assim, convidas-nos hoje a esse salto. Que bom ir até Ti, receber e aceitar o teu convite.

Hoje mesmo vou transmiti-lo a todos os teus filhos, com quem me sinto por vezes fechado na mesma vedação das aves de capoeira, para que todos, com o poder da águia, hoje subamos até Ti e cheguemos a Ti e, junto a Ti, contigo, permaneçamos e vivamos.”



Livro "Assim Será a Tua Descendência - Oração, Vida e Pregação de Jaime Bonet" coligido por Isabel Fornari, Missionária Verbum Dei, a partir do Retiro pregado pelo Jaime aos responsáveis da Fraternidade Missionária Verbum Dei em 1981

Procurar em Deus

- Pr 9,1-6 «A Sabedoria construiu a sua casa sobre sete colunas. Mandou matar animais para uma festa, preparou vinho e pôs a mesa. (...) E disse “Venham, comam a minha comida e bebam o vinho que eu preparei. Deixem a companhia dos tolos e vivam. Sigam o caminho do conhecimento”.»
- Sl 33 (34)
- Ef 5,15-20
- Jo 6,51-58 (Pr 9, 1-2.5-6)

«Portanto, prestem atenção na sua maneira de viver. Não vivam como os ignorantes, mas como os sábios. Os dias em que vivemos são maus; por isso aproveitem bem todas as oportunidades que vocês têm. Não ajam como pessoas sem juízo, mas procurem entender o que o Senhor quer que vocês façam. Não se embriaguem, pois a bebida levará vocês à desgraça; mas encham-se do Espírito de Deus.»

(Ef 5, 15-18)

«“Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer desse pão, viverá para sempre. E o pão que eu darei para que o mundo tenha vida é a minha carne”.»

(Jo 6,51)

Muitos de nós estamos em férias, queremos vivê-las com sossego e - porque não - com calma, podemos tentar ver se é possível modificar alguns dos nossos costumes correntes para ganhar em qualidade de vida. Temos tempo para orar e, certamente, a Palavra de Deus pode dizer-nos algo: Deus interessa-Se pelo nosso dia a dia.

As leituras de hoje vão ajudar-nos muito neste aspeto. No Livro dos Provérbios é-nos dito: *“Segui pelos caminhos da inteligência”*, e di-lo depois de ver que o que a sabedoria exprime como importante e inteligente parece ser não outra coisa que *“a praticidade da vida”*. Por outro lado, a Epístola aos Efésios diz-nos: *“agi como sábios, aproveitando bem o tempo, não sejas insensatos e vede qual é a vontade do Senhor”*.

Senhor, que significam estas dicas que nos dás, através da Tua Palavra? Não é fácil sermos práticos, nem aproveitar o tempo corretamente, quando temos uma vida tão agitada, tão cheia de trabalho, tão dependente das filas de trânsito, preocupados com os colégios dos filhos, com as visitas ao médico e, às vezes, angustiados com a economia. Não é fácil, mas, quem sabe? Tão-pouco será impossível.

Senhor, diz-me!...
Como? Como fazer?
Como organizar-me?
Como viver? Quero aproveitar estes dias, não só para ter qualidade de vida, agora, senão para poder tê-la todos os dias da minha vida e



saber transmiti-la à minha volta. Quero aprender a planejar a minha vida e a dos meus, com a sabedoria que vem de Ti. Gostaria que Tu - e só Tu - me condicionasses, me encaminhasses, me dirigisses, me indicasses a meta e, também, o caminho para chegar a ela.

Gostaria de alimentar-me de Ti, de comer e beber de Ti. Porque Tu és A VIDA; e não qualquer vida, mas uma vida que pode durar-me para sempre. Creio que não consigo compreender e, tão-pouco, imaginar o que isto é, e significa, sinto que tenho de deixar que seja a Fé a fazer-me crer na possibilidade do difícil e na realização do impossível. Quero, como diz o Evangelho de hoje, permanecer em Ti, estar Contigo, caminhar Contigo, sentir Contigo, viver Contigo e em Ti.

Chego quase a intuir que isso é o que me queres dizer quando leio *“O que come a minha Carne e bebe o meu Sangue, permanece em Mim, e Eu nele”* (Jo 6,56); parece-me que entendo que procurar em Ti o meu alimento e a minha força, é o contrário de: *“Não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos antes do Espírito”* (Ef 5,18). Não buscar inutilmente encher a nossa vida do que não nos sacia, nem nos acalma, nem nos alimenta, nem nos dá paz, ou sentido de vida. Só a Ti posso ir, para viver.

Comecei rezando, com o desejo de procurar um futuro de vida serena, organização e tempo para os meus intensos e atarefados dias e Tu, Jesus, de novo, voltaste a dizer-me: **“PROCURA-ME A MIM!”**

O Senhor Deus diz:

*“Escutem, os que têm sede:
venham beber água!*

*Venham, os que não têm dinheiro:
comprem comida e comam!*

*Venham e comprem leite e vinho,
que tudo é de graça.*

Por que vocês gastam dinheiro com o que não é comida?

Por que gastam o seu salário com coisas que não matam a fome?

Se ouvirem e fizerem o que eu ordeno,

vocês comerão do melhor alimento, terão comidas gostosas.

Escutem-me e venham a mim,

prestem atenção e terão vida nova.”

(Isaías 55, 1-3)

Convite à liberdade

- Js 24,1-2a.15-18b «Depois de o ouvirem, muitos dos seus discípulos disseram: “Que palavras insuportáveis! Quem pode entender isto?”
- Sl 33 (34) Mas Jesus, sabendo no seu íntimo que os seus discípulos murmuravam a respeito disto, disse-lhes: “Isto escandaliza-vos? E se virdes
- Ef 5,21-32 o Filho do Homem subir para onde estava antes? É o Espírito quem dá a vida; a carne não serve de nada: as palavras que vos disse
- Jo 6,60-69 são espírito e são vida. Mas há alguns de vós que não crêem.” De facto, Jesus sabia, desde o princípio, quem eram os que não criam e também quem era aquele que o havia de entregar. E dizia: “Por isso é que Eu vos declarei que ninguém pode vir a mim, se isso não lhe for concedido pelo Pai.” A partir daí, muitos dos seus discípulos voltaram para trás e já não andavam com Ele. Então, Jesus disse aos Doze: “Também vós quereis ir embora?” Respondeu-lhe Simão Pedro: “A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! Por isso nós cremos e sabemos que Tu é que és o Santo de Deus”.»
(Jo 6, 60-69)



ue maravilha este domingo!

Na primeira leitura, Josué desafia-nos à liberdade – que Deus queremos adorar? A quem queremos servir? – *“porque eu e a minha casa serviremos o Senhor”*.

Esta leitura mostra-nos também como o povo faz memória da sua história – *“Pois o Senhor nosso Deus é que nos fez subir, juntamente com nossos pais, da terra do Egito, da casa da escravidão, e realizou aqueles maravilhosos prodígios aos nossos olhos; Ele guardou-nos ao longo de todo o caminho que tivemos de percorrer, e entre todos os povos pelos quais passámos”*.

Estas palavras de Josué são um verdadeiro convite a olhar a nossa história e a reconhecer como fomos acompanhados em tudo aquilo que vivemos:

- Onde senti, Senhor, ao longo da minha vida, que Tu me acompanhaste?

- Onde sinto, hoje, Senhor, que Tu me acompanhas?

O Evangelho deste domingo mostra-nos, no entanto, que a liberdade com que somos convidados a viver a nossa fé implica uma verdadeira abertura à Palavra de Deus, que é revelação do Espírito de Deus, por nós acolhida com fé.

“A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! Por isso nós cremos e sabemos que Tu é que és o Santo de Deus”.

Talvez hoje estejamos de férias... A descansar ou a fazer trabalhos que nos permitam assegurar despesas de casa ou empenhados nalgum projeto...

E estejamos a viver as férias como estejamos, é importante não esquecer que: “Férias para o cristão é mudar de ocupação”.

Durante este tempo de férias faço-vos o convite a ler a última Exortação Apostólica do Papa Francisco “Alegrai-vos e exultai”, especialmente os n.ºs 29 a 31.

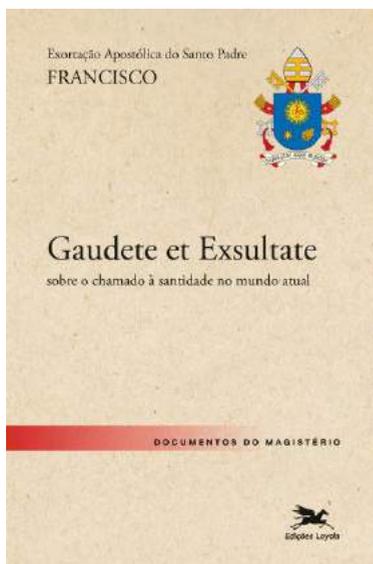
A atividade que santifica

29. Isto não implica menosprezar os momentos de quietude, solidão e silêncio diante de Deus. Antes pelo contrário! Com efeito, as novidades contínuas dos meios tecnológicos, o fascínio de viajar, as inúmeras ofertas de consumo, às vezes, não deixam espaços vazios onde ressoe a voz de Deus. Tudo se enche de palavras, prazeres epidérmicos e rumores a uma velocidade cada vez maior; aqui não reina a alegria, mas a insatisfação de quem não sabe para que vive. Então, como não reconhecer que precisamos de deter esta corrida febril para recuperar um espaço pessoal, às vezes doloroso mas sempre fecundo, onde se realize o diálogo sincero com Deus? Em certos momentos, deveremos encarar a verdade de nós mesmos, para a deixar invadir pelo Senhor; e isto nem sempre se consegue, se a pessoa «não se vê à beira do abismo da tentação mais opressiva, se não sente a vertigem do precipício do abandono mais desesperado, se não se encontra absolutamente só, no cume da solidão mais radical».[28] Assim, encontramos as grandes motivações que nos impelem a viver, em profundidade, as nossas tarefas.

30. *Os próprios meios de distração que invadem a vida atual levam-nos também a absolutizar o tempo livre, no qual podemos utilizar, sem limites, aqueles dispositivos que nos proporcionam divertimento e prazeres efêmeros.[29] Em consequência disso, ressentem-se a própria missão, o compromisso esmorece, o serviço generoso e disponível começa a retrair-se. Isto desnatura a experiência espiritual. Poderá ser saudável um fervor espiritual que convive com a acédia na ação evangelizadora ou no serviço dos outros?*

31. *Precisamos dum espírito de santidade que impregne tanto a solidão como o serviço, tanto a intimidade como a tarefa evangelizadora, para que cada instante seja expressão de amor doado sob o olhar do Senhor. Desta forma, todos os momentos serão degraus no nosso caminho de santificação.*

(Exortação Apostólica do Papa Francisco “Alegrai-vos e exultai”)



Livres de convenções

Dt 4,1-2.6-8 «Naquele tempo, reuniu-se à volta de Jesus um grupo de fariseus e alguns escribas. Eles viram que alguns dos discípulos de Jesus comiam sem lavar as mãos. Na verdade, os fariseus e os judeus em geral não comem sem terem lavado cuidadosamente as mãos, conforme a tradição dos antigos. (...) Depois, Jesus chamou de novo a Si a multidão e começou a dizer-lhe: “Ouvi-Me e procurai compreender. Não há nada fora do homem que ao entrar nele o possa tornar impuro. O que sai do homem é que o torna impuro, pois do interior dos homens é que saem os maus pensamentos: imoralidades, roubos, assassinios, adultérios, cobiças, injustiças, fraudes, devassidão, inveja, difamação, orgulho, insensatez”»

(Mc 7)

Jesus, deixa que hoje dialogue Contigo acerca deste texto. E abre o meu coração para Te acolher e o meu entendimento para perceber o que me queres dizer.

És duro, Senhor, nas palavras que dizes aos fariseus. Raramente és muito simpático com eles, mas, desta vez, excedeste-Te: chamá-lhes “hipócritas”?! E até citas Isaías, aplicando àqueles com quem falavas a Palavra *“Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim”*.

E se estas palavras nos fossem dirigidas?...

Também nos consideras hipócritas nas nossas práticas e convenções, nas críticas que fazemos uns aos outros, nos preconceitos a que estamos arreigados e nessa mania que temos de valorizar muito mais o exterior (esse “lavar os copos, os jarros e as vasilhas”) do que o interior, o coração limpo e purificado?

Queres-nos livres, não duvido! Por isso nos desafias a tanto! Talvez por isso sejas tão duro: porque nos queres “abandar”, questionar, mudar, por dentro e por fora, para que não só o nosso pensar e sentir sejam Teus, mas também o seja o nosso agir.

“Ouvi-Me e procurai compreender”. Gosto da Tua assertividade! Chamá-nos a atenção para o essencial, situas-nos naquilo que é o mais importante para um discípulo: ouvir o Mestre. E pedes que procuremos compreender, escutando. A compreensão virá da escuta, da atenção que Te dermos.

É assim que nos queres, disponíveis para Te ouvir, capazes de olhar tudo a partir de Ti.



E queres mais: queres-nos livres para acolher todos, como Tu acolheste, como Tu acolhes; livres de preconceitos e de convenções, livres do que nos prende e oprime. Daí, Seres tão severo ao repreender os fariseus: queres que entendamos que o mais importante é o que está por dentro, não o que se vê por fora.

“(...) pois do interior dos homens é que saem os maus pensamentos: imoralidades, roubos, assassínios, adultérios, cobiças, injustiças, fraudes, devassidão, inveja, difamação, orgulho, insensatez”.

Enumeras essas coisas que tão bem conhecemos, porque nos tocam de perto, porque delas ouvimos falar quotidianamente. Dizia o teólogo Karl Barth (1886-1968) é preciso viver com a Bíblia numa mão e o jornal diário na outra. Só a Tua Palavra pode iluminar a nossa vida pessoal e comunitária, social e internacional.

Só Tu nos podes dar esperança quando desesperamos, luz quando tudo é negro, alento quando vacilamos, perdão quando caímos.

Senhor,

acompanha-nos com a Tua Palavra e a Tua presença;
e ensina-nos a acompanharmo-nos uns aos outros.

Ilumina o nosso olhar.

Abre o nosso coração para Te acolhermos

e para acolhermos a vida, tal como ela nos surge.

Cura-nos de toda a espécie de medos e de inseguranças

que, tantas vezes, escondemos atrás de ritos sem sentido e de tradições sem alma.

Liberta-nos dos formalismos que nos afastam

e que nos impedem de vivermos como irmãos.

Que a Tua Palavra, feita Vida em nós, frutifique e dê Vida a muitos.

Ámen.

parte II Notas biográficas de Jaime Bonet

Introdução

“Jaime Bonet nasce no ano de 1926 em Alqueria Blanca, aldeia da costa sudeste da ilha de Maiorca, cuja localização permitiu que estivesse próximo do mar desde a sua infância. Quando em 1940, aos catorze anos tem a experiência da sua conversão, pensa imediatamente em ir além dos confins da ilha, navegando nos mares com um espírito missionário e viajar por todo o mundo incansavelmente sem nenhum outro desejo que não seja a partilha da sua experiência de Deus” (Cf. Jaime Bonet, “A Solas”, p. 7).

Os textos que agora vos apresentamos são notas escritas por Jaime Bonet, sacerdote, fundador da Verbum Dei. São como entradas de um diário, pedaços de oração, relatos de um caminho feito com Deus. Desde cedo, o Jaime percebeu que a sua vida seria para dar fruto para outros.

Da sua relação com Deus brotou a resposta que veio a ser uma vida nova para muitos, muitos!

Salienta-se a enorme importância que tinha na sua vida a oração, feita de escuta e diálogo.

- *“Sabem porque desfruto tanto na oração?... Porque descobro maravilhas, todos os dias.”* - e também o ardor missionário, que o levou a estar atento às necessidades do mundo.

Fica o convite a ler e a saborear estes excertos – que tocam pela simplicidade e pelo tom coloquial e, ao mesmo tempo, pela profundidade e pela riqueza bíblico-teológica – certos de que nos ajudarão a rezar durante este Verão.

A primeira vez que dei ouvidos a Jesus

Siete Aguas, 21 de agosto de 1981

Recordo **a primeira vez que dei ouvidos a Jesus**. Agarrava o Crucifixo na minha mão. Foi a primeira vez que o fiz com algum interesse. Beije-o. Tive a impressão de que me caíra em cima. Vi-o muito abandonado, doente, prostrado sobre mim para acolher-me, e ao mesmo tempo dizia-me com grande confiança: *“Nas tuas mãos está o meu destino, o teu e o de muitos”*.

(Cf. Jaime Bonet, “Asim Será a Tua Descendência”, Tema 17,6; Exercícios Espirituais em Siete Aguas em 21-08-1981 às 7am)

Salva-me pelo teu amor!

Quanta confiança Jesus tem em mim! Ele canta-me o salmo 31, que diz: *«Eu confio em Ti, meu Deus, [...]. Tens nas tuas mãos o meu destino, [...], **salva-me, por teu amor!**»* (Sl 31,15-16). Porém, Ele muda-o e diz-me assim: *«Eu confio em ti, Jaime, está nas tuas mãos o meu destino, salva-me por teu amor»*. Isto é o que mais me motiva no meu apostolado: ouvi-lo dizendo-me *«Estende-me a mão, livra-me, estou muito mal na maioria dos homens»*. Para mim, este salmo é uma maravilha.

(Cf. Jaime Bonet, “Asim Será a Tua Descendência”, Tema 12,2; Exercícios Espirituais em Siete Aguas em 19-08-1981 às 7pm)

A partir dos catorze anos

Loeches, 22 de outubro de 1995

Minha querida Família Verbum Dei: pisando já o umbral dos meus 70 anos - limite bíblico da peregrinação por este mundo - como em partilha, ou revisão de vida fraterna, vem à minha mente a canção do meu amigo que foi ordenado presbítero comigo, no ano 52, que cantamos várias vezes: "Não ter nada, não pedir nada, não querer nada...". Com alguma afinidade a esta canção considero:

Que assim é a minha vida, de Deus amada.

Jamais procurada nem suspeitada.

Se foi atraída, se foi empurrada, como se tivesse sido guiada "às cegas".

Nem pretendida, nem rejeitada ou sonhada, toda me é dada.

Se foi perdida, se foi acertada, não afirmo nada..., já desgastada.

Se mal andada ou aproveitada, assim acabada será levada.

Outra morada muito ansiada me está reservada.

Quero expressar com este texto, e já me repito como fazem os velhos um pouco esquecidos, que, **a partir dos catorze anos**, a minha vida, com exceção talvez de alguns momentos, pertenceu, ou pretendeu pertencer, a Outro, ao serviço de Outro e à mercê do gosto de Outro. E assim, tudo quanto envolveu esta pobre existência foi motivado por este Outro, com exceção dos meus pecados e desacertos, que não foram poucos. Esta minha carga, que a ninguém satisfaz e que o meu Bom Deus me perdoa e esquece. Peço-vos que se unam à atitude do Bom Deus, como eu voluntariamente me uno a vós e a todos os que cuidei na minha vida.

Suplico-vos que sempre olheis ao Bom Deus e só a Ele escutai; não escuteis a mim ou aos homens, senão a tudo o que vos aproxima, seduz e cativa mais em Deus. Porque a vossa bondade não é mérito

parte II Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

meu. Pelo contrário, algo meu pode haver no pouco mal que poderão descobrir no vosso "curriculum". Não duvido que algum desse mal possa pertencer a mim. E este pouco ou muito que me corresponde, não agradando nem a Deus nem a vós, nem a mim, peço-vos, pela misericórdia de Deus, que não o guardem, nem mo devolvam, nem o herdem; separem-no para sempre do vosso coração, tal como eu também quero confessar diante de Deus e diante de vós, irmãos, que já somente o Amor de Deus, igual para todos, permanece no meu coração.

(Cf. Carta de Jaime à Fraternidade no seu 70º aniversário.
Escrita em Loeches, 22-10-1995)

Existes ou não existes?

Siete Aguas, 23 de agosto de 1999

Descobri este Amor, aos 14 anos, quando Lhe perguntei: “**Existes ou não existes?**”. E Ele foi tão claro na Sua resposta. Frente a um crucifixo perguntei-Lhe: “O que é que Te aconteceu? Porque estás desfigurado como um leproso, com feridas e chagas por todo o corpo?” E percebi claramente, sem qualquer dúvida, que Ele me respondeu: “Foste tu!”. “Eu??? Fui eu que Te deixei assim???” Então, disse-Lhe: “A minha vida é Tua! Tua! Mas não é Tua de qualquer maneira! Não! Quero dar-Te a mesma prova de Amor que Tu me dás! Tenho de devolver-Te todo este Amor que me dás!”.

Por isso, o meu primeiro desejo foi: “Vou para uma leprosaria e serei feliz se me contagiar de lepra para ajudar os meus irmãos”. Mas, depois, entendi que Ele me dizia: “Há outra lepra. Há uma lepra ainda pior, pela qual Eu dei a vida, que é a lepra da Vida Eterna. Não quero que sejas eternamente leproso. Quero-Te perfeito e que todos os Meus filhos sejam perfeitos também. Por isso, se queres ver-Me feliz cura-Me desta lepra em todos e cada um dos teus irmãos!” “Boa! Perfeito! Muito bem! E que tenho eu de fazer para isso?”.

parte II Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

Disseram-me: “Pois, se é esse o teu desejo, se queres acompanhá-Lo e segui-Lo e tal..., deverás seguir o sacerdócio” “Padre, eu???” Algo que nunca imaginei ser na vida...” Mas o Amor não faz cálculos, não mede nem pensa. O Amor, quando é o verdadeiro Amor que vem de Deus, transcende todo o pensamento e toda a razão humana. Por isso, disse “Sim!”.

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, Palma de Mallorca, 1999, p. 202)

Isto foi o que me aconteceu aos 14 anos

Siete Aguas, 23 de agosto de 1999

Sabem porque desfruto tanto na oração? Porque descobro maravilhas, todos os dias. “Como pode Deus amar-me tanto? Como é que eu não me tinha apercebido desse Amor antes... Como posso agradecer-Lhe? A minha vida não chega... Entrego-Lhe a minha vida, mas isso é tão pouco, porque a minha vida é pobreza, é miséria”.

Isto foi o que eu ouvi dizer homens e mulheres de todos os continentes e isto foi o que me aconteceu a mim, aos 14 anos. Digo-Lhe: “Agradeço-Te muito e entrego-Te a minha vida. Mas sinto que a minha vida é muito pobre e miserável e, por isso, procurarei pelo mundo outras vidas, mais nobres e mais ricas”. E assim fiz. De verdade que todos me parecem melhores do que eu: “Que bom é este pai de família! Que boa é esta mãe e que bom é este jovem! Que boa é esta pessoa! Como Te darão glória!? Como Te farão feliz!? Alegrome muito que eles Te dêem o mesmo ‘Sim’, o mesmo ‘Faça-se’, que Maria deu ao Pai”.



(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, Palma de Mallorca, 1999, p. 205)

Quem me assegurará que Deus existe?

Siete Aguas, 25 de agosto de 1999

No crescimento da fé, a vida dos pais influencia grandemente os filhos. Tenho a certeza de que o meu pai e a minha mãe tiveram uma grande influência na minha vocação. O que eles nos ensinam fica muito arraigado, embora, aparentemente, quando se é jovem, não se lhes preste muita atenção.

Eu também tive um tempo de luta, até que, aos catorze anos, disse: "Não! Não posso manter essa contradição entre o que vivo e o que os meus pais me disseram ou insistiram durante toda a minha vida. Não tenho a certeza se tudo isso é - como eu digo - pura tolice! Mas quem me assegurará que Deus existe?"

E disse: "O melhor seria falar com Ele!". Então fui falar com Ele. Levei um crucifixo, falei com Ele e mudei de tal forma que pensei: "Eu acho que agora O conheço melhor do que os meus pais, porque a mim Ele cativa-me e seduz-me e atrai-me tanto que não posso dizer-Lhe não".

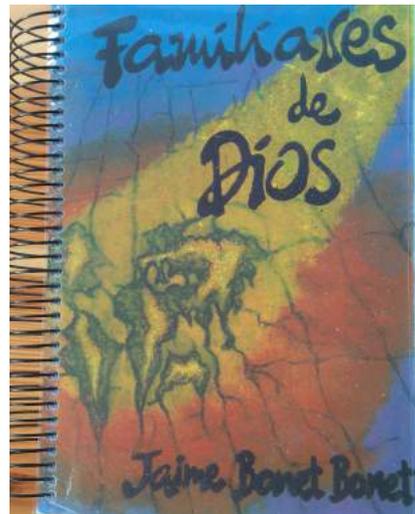
Perante aquele crucifixo, nos primeiros momentos de minha vocação, lembrei-me das lições do meu pai na catequese. Durante a Guerra Civil de Espanha, vários dos meus primos morreram na guerra. Um deles morreu na explosão de um barril de pólvora. Ficou completamente carbonizado, de modo que até mesmo a sua mãe não reconheceu o corpo de seu filho. Enquanto tentavam identificá-lo, aconteceu que um jovem estava lá, com a perna decepada, que estava sangrando. Como havia tantos doentes e feridos, os médicos acudiram-no rapidamente, tentando salvá-lo. "Vamos tentar parar a hemorragia", disseram eles. Um homem que os ouviu ofereceu: "Tomem o meu sangue". Como o caso era urgente, apressadamente, eles tiraram o sangue, sem verificarem se ele estava em condições de dar e deram-no ao ferido. Eles conseguiram parar a hemorragia e salvaram o ferido. No entanto, eles não se55

parte II Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

aperceberam que o dador tinha um problema de coração e, quando voltaram - não sei quanto tempo tinha passado - ele tinha morrido.

O ferido que tinha a perna cortada, ao saber da morte do homem que lhe tinha dado sangue, ficou tão comovido que, embora os médicos o proibissem de levantar-se devido à sua situação fragilizada, disse, "eu acompanho-o". E, com as muletas, acompanhou-o, indo atrás dele, porque ele lhe tinha dado a vida. Sem ele, ele não teria sido salvo. Por essa razão, consciente disso e grato, ele apenas repetiu: "Por mim! Por mim!". O meu pai, lembrando-me desses factos, disse-me: "Vês este crucifixo? Está assim por ti. Desta forma Cristo pagou pela tua vida, não com ouro ou prata, mas com o seu precioso sangue" (1 Pe 1, 18). Assim nos salvou.

Se alguém olha para Cristo, tem de dizer a mesma coisa: "Por mim". O homem morto deveria ser eu, mas Ele ofereceu o Seu sangue, a Sua vida por mim. Como posso duvidar, mesmo que por um momento, disso? Por isso, pergunto: "Que queres de mim?". E ele responde: "O que eu quero não é que faças um sacrifício por mim, mas que tenhas a salvação eterna, que sejas a imagem do Pai. Estás desfigurado. Está desfeito. Exteriormente, estás feliz e contente, mas não te apercebes da tua filiação divina, não te comportas como filho de Deus e irmão dos homens". Ele deu a Sua vida, morreu por mim; e comparando isto com o homem que, junto da sepultura daquele que o salvou, repetia: "Por mim! Só por mim!", o meu pai me ensinou: "Vês, Jaime? Vês quem é Jesus? Vês quem é Cristo?" Fica muito gravado o que o teu pai e a tua mãe te dizem! Aquilo que está na raiz, floresce.



(Cf. Jaime Bonet, "Familiares de Deus", Palma de Mallorca, 1999, pp. 363-364)

A resposta era “Gostaria muito!”

Siete Aguas, 26 de agosto de 1999

Jesus na Eucaristia, como me dizia: “Eu fico para que vejas que necessito de ti e, mais do que necessitar de ti, quero que participes do meu Ser. Por pouco amor que me tenhas, sentir-te-ás obrigado a ser Eu, ao menos a unir-te a Mim. Porque me vais ver indefeso, sem falar, imóvel, de tal forma que terei necessidade dos teus pés, necessidade das tuas mãos, necessidade dos teus olhos, necessidade da tua palavra; ver-me-ei necessitado de todo o teu ser”.

Digo-vos a verdade, quando me encontrei com o Crucifixo, disse-Lhe: “Vou a uma leprosaria, porque Tu carregaste com o meu pecado, com a minha lepra e eu quero ser leproso por Ti e pelos meus irmãos”. E, bem decidido, sem pensar mais, no momento, como estava a estudar com os Irmãos de La Salle perguntei a um deles: “Irmão, dava-me uma lista leprosarias?”. “Sim, interessa-te?”. “Sim, sim”. E quando a li, digo: “Que quantidade de leprosos! Meu Deus!”. Nunca tinha visto aquilo. Muitos anos depois, pude vê-los em pessoa, ao vivo, quando dei assistência a uma daquelas leprosarias de cinco mil homens sem aspeto nem figura, abandonados, leprosos!, que me recordavam a minha primeira experiência quando me encontrei com o Crucificado, morto por mim. Então, disse-Lhe: “Quero ficar como Tu. Tu carregaste com os meus males, eu quero carregar com os males dos outros, pois Tu estás neles e dando-me a eles, dou-me a Ti”.

Depois deste encontro com o Crucifixo aproximei-me do Sacrário, pois chamaram para ir à capela, como costumavam fazer. Eu já era totalmente outro, diferente. Antes, o Sacrário, era para mim uma caixa e nada mais. Eu chegava e sentava-me logo que entrava na capela. Mas desta vez, não. Então, entendi porque tinha que me

ajoelhar, com reverência e respeito, e até inclinando a cabeça em direção ao chão. Claro!

Então tive um diálogo muito bom. Porque naquele tempo, pelo que sei, durante a Guerra Civil Espanhola queimaram-se muitas igrejas, profanava-se a Eucaristia, levava-se Jesus a casas de prostituição, etc. E, recordando-o, disse-Lhe: “Vês Jesus? Isto não pode ser! Tu não devias ter ficado no Sacrário assim; porque se Tu tivesses ido pelas ruas, se Tu tivesses falado, se Tu, o mais formoso entre os filhos dos homens, tivesses aparecido como um jovem de vinte e um anos, um jovem com força, tudo isto se tinha podido evitar”. Mas Ele dirigia-se a mim, fortemente, dizendo-me: “Jaime, e os teus pés?”. “Servir-te-iam, Jesus?”. “Se tu quiseres, serão os Meus”. “Pois, são Teus!”. E depois perguntava-me Jesus: “E tu, não podes falar, está muda a tua boca?”. “Servir-te-ia a minha boca, a minha língua? Pois, é Tua Jesus!”. Ele continuava a perguntar-me: “E a tua cabeça? E o teu cérebro?”. “É Teu!”. Recordo uma pergunta que Lhe fiz, que jamais a esqueço: “Então, agradar-Te-ia, Jesus, ir por aqui, por ali, pelas cidades e pelo mundo?”. **A resposta era: “Gostaria muito!”**. “Pois irás, Jesus, irás porque a minha vida é Tua. Irás”.

Esta é a razão do meu sacerdócio, embora fosse o que gostava menos e me atraía menos. Aí compreendi que, como os Irmãos de la Salle não podem celebrar a Eucaristia, aquilo não era para mim. Um dos Irmãos disse-me: “Jaime, que se passa contigo hoje?”. Disse: “Aconteceu-me algo grande. Nunca pensei que existisse isto. Dentro de mim há realmente uma realidade que se despertou, que eu desconhecia.



Tenho um entusiasmo enorme, eu quero dar a vida por Cristo”. Ele

parte II Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

disse: “Tu serias um bom irmão de la Salle”. Digo: “É que não posso. A mim tanto me fazia, ser varredor, ser lixeiro, ser o que fosse, por Cristo. Mas agora Ele disse-me que precisa de mim para levá-Lo a Ele”.

Naquele tempo ninguém podia tocar a Hóstia Consagrada exceto o sacerdote. Então perguntei: “E onde posso ir para fazer isto? Vou rapidamente!”. “Bem! Pois vai ao Seminário”. “Seminário? Não há outro lugar onde possa ir?”. Recordo que era o fim do ano letivo, mas disse: “Não, não! Vou já”. Tive que suplicar aí, ao Reitor: “Por favor, aceitem-me!”. “Não, não, tem que ser em outubro. Estamos em maio, e o que vais fazer se no final de junho são os exames?”. “Não, não! Não posso esperar, não confio em mim, porque isto nunca me atraíu”. “Então, queres ou não queres?”. “Quero! Mas a minha carne resiste, claro que quero!”. Depois dirigi-me a Maria: “Maria, não me largues”. Tudo isto aconteceu por ver um Cristo indefeso, sem nada, na Cruz e na Eucaristia. Porque ficou assim?

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”,
Siete Aguas, 26 de agosto de 1999, pp 425-427)



“Não poderias emprestar-me a tua voz, os teus pés, as tuas mãos, toda a tua pessoa?”

Siete Aguas, 27 de agosto de 1999

É muito importante compreender que no apostolado se trata duma Vida imortal, da Vida imortal de muitos, que deves ter presente. Trata-se do bem e felicidade de multidões ou do mal e desgraça de muitos, já neste mundo.

Compreendi isso no meu primeiro encontro com Cristo, que foi com Cristo crucificado, magoado e ferido, tal como deve estar um Cristo crucificado, como um leproso. Ante Ele, eu disse: “Se foi assim que me deste a vida, gostaria que o meu corpo ficasse como o Teu”.

Depois da conversa com o Crucificado, coloquei-me defronte da Eucaristia e, ali, entendi que me dizia: “Não poderias emprestar-Me a tua voz, os teus pés, as tuas mãos, toda a tua pessoa?”. Perante isto senti uma alegria tão grande que lhe disse: “E seriam úteis para Ti?”. “Não só a tua vida me seria útil, como necessito dela com urgência, já!”. “Toma, toma-a”. “Onde?”. “Onde precisas dela”.

Então, imediatamente, vê o valor, a força da tua vida, porque se repercute sem parar o golpe do teu forte desejo de fazer o querer de Jesus, de fazer a Sua vontade. O Amor repercute-se sem parar. A tua vida unida a Ele, que é a Cabeça do Corpo Místico, tem uma repercussão imensa, chega a todos, conecta-se com todos os membros de Cristo e difunde-se a todos o amor que lhe tens a Ele. Esta é a Internet mais rica que pode existir, porque te conecta com toda a humanidade, coloca-te em conexão com todos. Quando oras diante do Sacrário, ou diante do Crucifixo, ou falas com Maria, a tua oração e o teu amor vão mais rápido que a Internet e estendem-se por todo o mundo. É uma maravilha.

parte II Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

Como desejava ficar como Ele, magoado, destroçado, como um leproso na Cruz, ou moído como Ele na Eucaristia! Veio um dia em que, depois de muito tempo de missão, me pediram para dar uns Exercícios nas Filipinas. Como as missionárias me tinham ouvido muitas vezes contar a minha vocação e como tinha desejado ficar como um leproso por Ele, disseram-me em Manila: “Não dizias que gostavas de estar com os leprosos e de conhecer uma leprosaria?”. “Sim”. “Pois olha que há uma leprosaria muito perto daqui...”. “Vou já”.

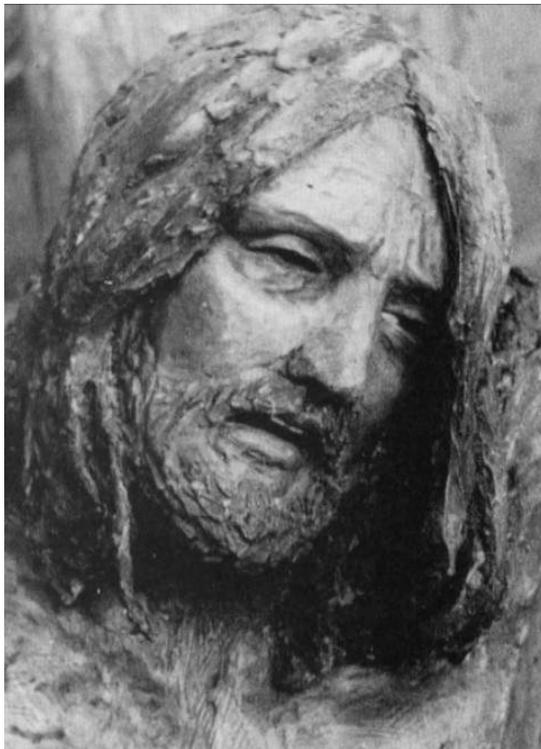
Que tremendo, aquilo! Cinco mil pessoas! Com um calor asfíxiante, sem ar condicionado, sem ventoinhas, sem nada. Que abandonado estava e quanta miséria havia! Era impressionante aquele ambiente. Ali estavam os meus irmãos sem figura, sem rosto. Alguns sem braços, sem orelhas, sem nariz; outros que tinham braços estavam sem mãos. Não podia conter-me. Sentia um impulso imenso de lhes dar um abraço, porque todo o tempo em que tinha estado a estudar tinha-os tido na minha mente e o no meu coração. Via-os no Crucifixo, magoados, via-os a eles! E dizia a mim mesmo: “É por vós que me estou a preparar”. Evidentemente.

Para atender a esta imensa leprosaria só havia duas mulheres, dedicadíssimas, que trabalhavam voluntariamente. Havia uma religiosa italiana e uma jovem japonesa, pagã. Ante aquela situação lembrei-me dos meus sonhos de jovem e disse a mim mesmo: “Se um dia deixar de pregar, agradar-me-ia estar aqui. Porém, agora, enquanto puder, tenho de pregar”. Jesus insistia comigo: “Vamos a isso, vai pregar. Vai dar a Boa Nova, vai reconstruir o homem!”. Porque estou convencido de que, se há leprosarias, é por culpa do homem que está desmoronado, corrompido e degenerado. Está assim porque lhe falta a dimensão divina, que é o Amor. Falta-lhe a dimensão divina! E, por isso, tudo isto acontece como consequência do egoísmo.

parte II Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

Depois de ver aquilo, fui para diante do Sacrário e pus-me a chorar como uma criança: “Perdoa-me, Jesus! Eu tenho muita culpa disso, porque devia entregar-me mais, devia dar-me mais, devia conseguir que os teus filhos abrissem os olhos e a mente e a pusessem ao serviço do Amor, da reconstrução do homem”. Via a Igreja tão necessitada de reconstrução que me parecia que Jesus me dizia como disse a S. Francisco de Assis: “Reconstrói-Me a Igreja”. Francisco não percebeu e pensou que tinha de reedificar uma pequena igreja que estava em ruínas. Mas Jesus disse-lhe: “Não, não te confundas. O que tens que reconstruir é o templo vivo de cada pessoa, onde Eu quero habitar”.

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, pp 527-529)



Quando descobri a minha vocação, temi perdê-la

Siete Aguas, 27 de agosto de 1999

Quando descobri a minha vocação, temi perdê-la, fiquei com medo, pois era o que nunca tinha querido, mas parecia-me tão urgente e tão necessário que recorri a Maria: “Ajuda-me, porque por mim próprio e pelas minhas forças não aguentarei nem dez minutos, ainda menos um dia e muito menos uma semana mas contigo tudo é diferente”.

Temia perder aquele chamamento e por isso fui de seguida ao seminário, ainda que o ano estivesse a terminar. Eu estava a terminar o bacharelato. Quando cheguei perguntaram-me “Rapaz, ao que vens?”. Respondi “Pelos vistos, tenho que ser sacerdote”. “Certo, mas agora não, pois estamos no final do ano letivo”. “Por favor aceitem-me, senão vou perder a vocação!”. “Mas, queres ou não a vocação?”. “Quero. Não é que me atraia mas quero-a!”. O Reitor estava um pouco desconcertado face à minha insistência. Disse-lhe “Não me faça demorar, porque senão perco-me!”. Não, vai para a tua terra, pediremos informações e logo te chamaremos”. Pensei “Bem! Isto de pedir informações tem o seu risco”. Por isso insisti “Por favor, inscreva-me rápido, rápido!”. E cumpriram, pois não era costume naquela altura receber alunos. Isto acontecia em finais de Abril e em Maio-Junho havia exames finais. E, no entanto, aceitaram-me.

Mas a história não acabou aqui. Tinha de a contar em casa. Assim, apanhei o autocarro e fui para a aldeia. Passei perto da minha casa, pela frente, mas não parei. Segui em frente e dirigi-me para um santuário de Maria, a Virgem. Tenho a impressão de que agi assim porque quando tinha uma dificuldade ou queria guardar uma coisa, um tesouro ou algo valioso, colocava-o nas mãos da minha mãe.

parte II — Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

Por isso, pedi a Maria “Guarda-me, guarda-me, guarda-me isto, que é um tesouro!!”.

Por isso, todos os dias falo com Ela, com a Mãe, com total confiança mais do que com a mamã da terra, o que já significa muito. Porque Ela tem o olhar que te cativa, o coração de mãe e tudo quanto o filho necessita. “*Aqui tens a tua mãe*”. Perfeito! É o que disse Jesus em Jo 19, 25-27: “*Aqui tens o teu filho*”. Se Tu estás, eu digo também “Sim, como Tu”.

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, p. 526)



REFERÊNCIA AOS SEUS CATORZE ANOS

Isto o dizia quando tinha catorze anos

Siete Aguas, 25 de agosto de 1999

Ninguém nos seguirá para lá do que nos vejamos viver, porque depressa os outros veem onde temos o coração, e ao que nos dedicamos e ao que não nos dedicamos. Os primeiros que o veem são os filhos, que sempre observam: “Onde têm o coração o meu papá e a minha mamã?”.

Vendo onde tinham o seu coração os meus pais, pude dizer-lhes com toda a sinceridade: “É impossível que conheçam pessoalmente Jesus, porque com o que me amam, se O conhecessem, ter-me-iam orientado até Ele, em vez de me dirigirem tanto a minha mente e o meu coração para os estudos. Tenho a certeza de que foi por puro amor que o fizeram, no entanto vejo que este amor está desviado e demonstra que não têm um conhecimento palpável e vivo de Jesus como Pessoa”. Perante isto, ficaram um pouco surpreendidos: “Mas que dizes?”. “Sim, sim. O que está primeiro é Ele. Depois de me ter encontrado com Ele, vejo que conhecê-Lo é o fundamental e é a vós, antes que a qualquer outro, a quem o quis dizer”.

Na mesma conversa, sem tardar muito, disseram: “Diz-nos como o devemos fazer”. Digo: “Terão de escutá-lo. Vou buscar um bom diretor que vos dê a Palavra e que vo-la aplique bem”. **Isto o dizia quando tinha catorze anos.** Depois disse a este diretor: “Olhe que o envio aos meus pais, aperte-os ao máximo, pois são os meus pais”. *“Põe na tua vida a alma e mão. E aperta, até tirares do humano o sobre-humano”* dizia Marquina, um poeta espanhol. Aperta!

parte II Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

Efetivamente, ele ajudou-os tanto que logo me disseram os meus pais: “Jaime, porque não nos disseste isto antes?” Disse: “Porque disse-vos umas horas depois de ter encontrado a Cristo”. Eles imediatamente pensaram em seus filhos e me disseram: “Pois agora também os teus irmãos têm de conhecê-Lo. Têm de O conhecer”.

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, pp 340-341)



Quando aos catorze anos me entreguei totalmente a Deus

Siete Aguas, 20 de agosto de 1999

Ante todo este projecto assustei-me, mas disse: “Tenho de o cumprir”. E, como quando tinha medo, quando era pequeno, chamava a minha mãe e o meu pai, depois, **quando aos catorze anos me entreguei totalmente a Deus**, digo: “Bom, a minha Mãe deve saber muito de isto que eu não entendo!”. Então chamei a Maria. “Maria, como é?”. Ela disse: “Olha, eu disse sim por ti! Jesus disse que sim e vês as consequências do sim que deu por ti!”. “Não, não, Mãe, é que eu quero dizer sim! Mas Tu não me largues a mão, que eu não te largarei”.

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, pp 42-43)

Eu desde os meus catorze anos que tenho feito assim

Siete Aguas, 21 de agosto de 1999

Contudo, como tens tal plenitude de Deus, procura silêncio com os homens; com grande recolhimento durante o dia. Não é preciso que consultes ninguém. Se tens alguma dificuldade, resolve-a com o diretor de exercícios, posto que todos vós o estais a fazer e não tendes que vos distrair com ninguém. Com ninguém! Se algum tem dificuldade que venha ter comigo: “Jaime!”. “Que foi?”. Tudo está em função de que possais falar com Deus. “Que digo a Deus?”. “Pergunta a Maria como uma criança: «Mamã, que lhe digo?»”. Ela te dirá: “Diz que sim!”. **Eu desde os meus catorze anos que tenho feito assim**. “É que não posso, é que a mim não me agrada isso, é que não gosto. Que digo?”. “Digo que sim. São milhares e milhões dos meus filhos que estão pendentes da tua resposta”. “Pois sim! Sim, Mamã, sim! Não penso mais. O que Tu disseres”.

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, p. 61)

Só parei aos catorze anos

Siete Aguas, 21 de agosto de 1999

Normalmente, nalgum momento da sua vida, uma pessoa para e detém-se perante a fé. **Eu só parei aos catorze anos.** Era muito jovem, tinha catorze anos, mas geralmente, aos dez anos e sobretudo durante os onze ou doze anos, o jovem começa a interrogar-se. E isto é muito importante também para os pais.

O jovem começa a perguntar-se: “Que devo fazer com isto que me dizem?” “O que devo fazer com aquilo de que me falam? Será que Deus existe?”... Uma pessoa faz-se muitas perguntas. Conformerme-ia se muita gente tivesse, ao menos, a experiência de fé que eu tive.

Na realidade, eu tinha uma inquietação que não me deixava descansado, porque eu não fazia caso de Deus: fazia o que a mim me interessava! Gostava de desporto, gostava de estudar e dizia a mim mesmo: “Se posso ter duas profissões, tanto melhor!”... Mas sem dúvida que tinha uma ideia que me inquietava sempre, devido à crença dos meus pais, à sua fé.

O meu pai era um camponês com fé. Vivíamos numa aldeia, onde havia cerca de vinte jovens. O meu pai, com o que sabia, reunia todos os jovens da aldeia nas noites de inverno - que eram mais compridas. Eles gostavam que ele lhes desse catequese. Eu, que era muito novo, ficava com ele e ajudava-o. Ele tinha muita fé na vida eterna e interessava-se muito por qualquer um que não tivesse fé! Ele sim, comunicava a fé e contagiava-a! E a minha mãe também, valendo-se de todas as ajudas, presentes, obséquios, o que fosse, para travar amizade e ter ocasião de contagiar a sua fé.

parte II Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

Recordo em especial um homem, ateu, que não queria saber nada de Deus, mas quando adoeceu, lá estava o meu pai a cuidar dele, tratando-o muito bem. Lembro-me que fazia muito calor e não havia ar condicionado nem ventoinhas – acho que nem eletricidade havia! – mas o meu pai abanava-o com o leque para refrescar, enquanto lhe falava de Deus. Vendo aquele homem, eu pensava “Olha como mudou!”: antigamente rejeitava tudo o que dizia respeito à Igreja e agora via-o cheio de medalhas, crucifixos... Parecia um condecorado que regressava de uma batalha, com aquela alegria! E como era muito novo, claro que tudo isso me ficou gravado na memória. Recordo-me sempre deste episódio e sinto que me influenciou.

Então, aos catorze anos – enquanto estudava o bacharelato com os Irmãos de La Salle – digo: “Não. Eu não vou continuar a adiar: se Deus não existe, eu não quero continuar a ir à capela, nem a perder mais tempo. Não me interessa!... Mas, e se existe? Se existe, convém-me averiguá-lo!” e comecei a utilizar este mesmo argumento com muita gente “E tu? Estás certo de que Deus não existe?” “E se existir?”... “E tu?...” “Sim, mas como não existe!” “Mas eu digo-te: e se existisse...”, “Caramba! Como não existe??” “E se existe... o quê??”.

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, Tema 6, pp 111-113)

E, por isso, levo 14 anos sem Te agradecer

Siete Aguas, 22 de agosto de 1999

Depois de conhecer Jesus, na primeira vez que me dirigi a Ele, o Pai Nosso soou-me de forma diferente. “Pai Nosso... Nunca tinha parado para pensar que Tu eras meu Pai” e lembro-me que chorei. Disse-Lhe: “Que mal me portei Contigo! Se eu tivesse passado um dia sem cumprimentar o meu pai, tinha havido um desgosto na minha casa. E no entanto, levo 14 anos sem Te dar graças pela Vida que me deste, sem dizer-Te sequer uma palavra. Perdoa-me! E conta comigo para o que quiseres”.

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, Tema 8, p. 156)

Se aos meus 14 anos os meus pais se tivessem oposto...

Siete Aguas, 23 de agosto de 1999

Se aos meus 14 anos os meus pais se tivessem oposto à minha vocação, ou me tivessem pedido para esperar, ainda que fosse meio ano, talvez eu não tivesse seguido este caminho, nem faria o que faço. Mas os meus pais disseram “Avança, filho, avança! Lança-te!”.

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, Tema 13, p. 218)

Não há que pensar muito!

Siete Aguas, 22 de agosto de 1999

“Não há que pensar muito!”

Recordo esta frase muitas vezes. Se tivesse pensado muito sobre se havia de seguir a Cristo, não O tinha seguido. Umas tias muito devotas que tinha perguntavam-me. “Mas pensaste bem?”... Eu tinha tantos parentes, tantas tias, que quando ouviam “Parece que o Jaime quer ir para o Seminário”, ficavam tão surpreendidas que diziam: “Não vai acontecer! Dos setenta e três primos, a maioria são melhores que ele!”. Por isso, quiseram perguntar-me diretamente: diziam para a mais velha, que era uma espécie de “madre superiora” de todas: “Pergunta-lhe tu!”... e eu via-as virem ter comigo a perguntar.

Depois, começavam por dizer “Jaime, estamos muito preocupadas”, “Ai sim? O que se passa?” e perguntavam-me: “Pensaste bem nesta vocação?” e eu respondia “Não!” “Vês? Vês?... nem sequer pensou! E porque não pensas?” E eu respondia: “Porque se pensar, não o serei. Porque ser sacerdote não me agrada nada. Não me atrai nada.” “Então?” “Então, encontrei-me com Cristo e vi que Ele deu a vida por mim. E como me deu a entender que a minha vida é sua ... pronto!” “Mas há que pensar!” diziam-me. “Não! Isto supera a razão. Isto rege-se pela fé. Rege-se pela fé! E a fé está acima da razão”.



“Fides et Ratio” é a última encíclica que escreveu o Papa João Paulo II e que diz isto precisamente: a fé, “fides”, está acima da “ratio”, da

razão.

Encontrei-me com muita gente. E ao falar-lhes assim, despertaram para a fé, porque Deus presta-se a muito para que O conheçam: Deus faz-se fácil, acessível e servindo-se da nossa vida; Deus quer chegar a todos.

Observo que o facto de sermos imensos missionários, missionárias, casais missionários, não é para mais do que isto: “A que te vais dedicar?” “A comunicar a fé, a propagar a fé, a convencer este meu irmão de que isto é o que interessa.”

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, Tema 8, pp 151-152)

A primeira questão que me ocorreu dizer-Lhe aos catorze anos

Siete Aguas, 23 de agosto de 1999

Perante isto, fiquei de tal maneira que disse: “Como Te pagarei tudo isto?” Foi o primeiro que me ocorreu a dizer quando tinha catorze anos: “E como Te pago isto?”.

Anima-me ficar como Tu na cruz, sem figura. Eu gostaria! Eu Te quero pagar isto. Eu quero pagar-Te! “*Como pagarei a Deus todo o bem que Ele fez por mim?*” (Sl 116,12). Posso eu pagar tanto bem, tanto perdão, tanto amor de Deus? É uma graça tão grande sentir o terno abraço de Deus, tão cheio de misericórdia com o filho pecador.

(Cf. Jaime Bonet, “Familiares de Deus”, Tema 14, p. 234)

Aos Catorze anos

Siete Aguas, 14 de dezembro de 1990

Que grande és, Senhor, meu amigo Jesus! Em ti quero investir toda a minha vida, dedicar todas as horas dos meus dias e das minhas noites, tudo e só para Ti, como quiseres.

Já sabes, Jesus, há cinquenta anos olhaste para mim e arrancaste dos meus olhos distraídos e perdidos entre as aspirações de um mundo e com vaidade, um olhar que se fixou em Ti e compreendi! Penetrei com o meu olhar até ficar muito perto do Teu coração. Diria que o Teu batimento cardíaco premiu um o forte impulso em mim que repercutiu em todo o meu ser.

Recordo que rompeu totalmente com a venda que tinha nos meus olhos e o casca dura do meu coração e pude, sem esforço, entrar em contato vivo com o teu Amor. Tudo foi Amor. Não houve coação nenhuma nem sequer esforço. Tudo foi obra tua, empenho teu. Fiquei aberto diante de Ti, como numa sala de operação, tocaste as minhas entranhas e eu pude gozar o mais íntimo do meu ser em Tuas mãos.

Hoje, passados cinquenta anos, com mais experiência de vida e penetrado pelo Teu amor misericordioso incisivo, estridente e transbordante, sinto por Ti, meu Jesus, a mesma gratidão. Desculpa, Deus papá, por tanta infidelidade da minha parte. Como me dói ter esperado tanto tempo para ir ao teu encontro: aos catorze anos! Dói-me hoje não ter correspondido como esperado, como deveria e como necessitavam e tantos irmãos que observavas carinhosamente quando me abraçavas com os teus braços ensanguentados e me beijavas com os teus lábios ardentes, com febre de Amor. Mas hoje, sim, meu Jesus, sim a tudo e para sempre.

parte II Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

Mamã querida, é um "sim" que se ouve quando Tu me dás o tom, para que eu corresponda a tanto Amor da Trindade. Quanto eu quero corresponder a essa multidão de mãos estendidas, de tantos irmãos que me esperam e me reclamam a Deus que os libertaria! Meu "sim" ao Pai, a Ti, Papá, a Ti, Jesus e Espírito de Amor, é um "sim" para multidões. Obrigado mamã querida.



Com a Tua imagem no Crucifixo

Siete Aguas, 26 de novembro de 1990

Aproximam-se, Senhor, os 50 anos da Tua chamada ou, melhor, os 50 anos da minha resposta à Tua chamada, porque acho que a Tua chamada começou muito antes, antes mesmo de eu ter entendimento...

Mas, desde o momento em que conseguiste despertar o meu interesse por Ti, pela Tua pessoa, passaram 50 anos... Esta data, Senhor, faz-me estremecer... Emociona-me, encanta-me, sensibiliza-me enormemente, faz-me imensamente feliz! Aí começou o meu encontro com o meu “extra” amigo, Contigo, meu Jesus... Aí me envolvi completamente com a Tua imagem no Crucifixo.

Mais tarde, doze anos depois, no célebre Congresso Eucarístico de Barcelona quiseste entregar-me outro crucifixo, aquele que ainda hoje trago sempre comigo. Mas Tu, em Pessoa Viva, já Te tinhas entregue a mim.

Passaram 50 anos

Siete Aguas, 1 de dezembro de 1990

Conversão em Dezembro de 1940. Entrei no seminário no 2.º trimestre do curso de 1940/1941.

Obrigado, meu Rei, Senhor e Amigo. Passaram 50 anos desde que me apercebi do Teu olhar sobre mim. Muito obrigado por estas bodas que, em Dezembro próximo, poderei renovar, reconstruir, consolidar como aliança eterna. Feliz ano jubilar - para mim, de permanentes bodas de ouro.

parte II Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

Purifica-me, mais e mais, no crivo da humilhação, para que apenas Tu existas em mim e sejamos um como Tu és Um com o Pai.

Obrigada porque manténs aceso em mim o mesmo enlevo daquele tempo, daquele primeiro olhar recíproco, daquele amor mútuo, daquela aliança e entrega que por mim fizeste, irreversível e definitivamente.

Obrigado pela cada vez maior consciência da vocação e missão que me ofereceste, pelo cada vez mais vivo conhecimento de Ti e de mim: de mim nada e de Ti tudo; de mim - pecado - e de Ti - graça; de mim - miséria abundante - e de Ti - misericórdia sem fim - , que me supera e desborda. Obrigada, acima de tudo, pela amizade crescente com a Trindade e com Maria.

Cinquenta anos da minha conversão

Siete Aguas, 26 de novembro de 1990

Bom dia, meu Jesus, minha mãe querida, Esposo da minha alma, Pai terno, doce, todo perdão e Amor, que me cativas e me seduzes. Não posso fazer menos, meu “Quarteto” entranhável, minha Família substancial, meu “Bando” inseparável, meu todo definitivo e eterno, do que concelebrar convosco, cheio de gratidão, estas bodas de ouro.

No próximo Dezembro celebrarei os 50 anos da minha conversão, que quero que sejam de pura essência divina: não de ouro, diamante ou qualquer material precioso, mas apenas da graça da lei, da vossa pura vontade. Bodas de puro Amor. Cinquenta anos convosco, com as suas nuvens sim, mas sempre muito seguro da vossa infinita bondade, sem desapertar o cinto de segurança, sem abandonar a Casa, o Lar, os filhos. Sim, 50 anos!

parte II Relatos autobiográficos da vocação de Jaime Bonet

Aqui, no plano puramente humano, a celebração das bodas de ouro é o convite à jubilação, à reforma, ao retiro, ao descanso... Mas, a mim, estes 50 anos supõem-me muito mais que tudo isto, mas em sentido completamente oposto. “Jubilação”: júbilo, alegria, nova e crescente, como a da Primavera; “Retiro”: situar-me, cada vez mais, a sós, convosco, num lugar cada vez mais profundo, mais fecundo, mais alegre, de maior bulício e movimento, de maior burburinho celestial. “Descanso”: descanso exterior com infinita atividade interior, como os grãos plantados, como a noite orante, como uma galáxia em silêncio, como os molhos de trigo maduro a caminho da colheita e do altar.

Na verdade, estes 50 anos, desde a sua primeira guinada, o seu primeiro beijo, desde o abraço forte e sincero, desde a total declaração de Amor, não são mais do que a inicial, a primeira letra, do prólogo da Vida. A letra que tenta marcar em toda a minha existência, em todo o meu ser, o desenho da Tua Palavra, da palavra do Pai pelos homens e aos homens, Teu mesmo Amor em minha carne, para toda a Humanidade. Por isso a minha relação íntima, vital e existencial, certamente entranhável, com Maria, a mamã querida, e a plenitude do Amor trinitário por todo o meu ser.

Que o meu coração seja um doador permanente, abundante, deste Amor vivo, crescente sem fim, desta gratuidade eterna. Cinquenta milhões de anos... O principio da festa eterna. Obrigado.



Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Junho

22 a 24	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
23	<i>Casa da Palavra</i>	Missa da Comunidade – 18h

Agosto

4 a 11	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Semana
25 a 1 Set	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Semana (com Colónia)

Setembro

3 e 4	<i>Vale de Lobos</i>	Pré-campo de Trabalho
5 a 9	<i>Vale de Lobos</i>	Campo de Trabalho
21 a 23	<i>Vale de Lobos</i>	Encontro de Animadores
23	<i>Vale de Lobos</i>	Acção de Graças e Benção das Casinhas de Vale de Lobos – 17h30
28 a 30	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Mais informações e inscrições em lisboa.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com